

OE!

VIAGEM PELO BRASIL

PRIMEIRA parada

RIOS que Não correm
para o Mar

SeSSenta narrativas brasileiras

Victor Huerta Arroyo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arroyo, Víctor Huerta

Rios que não correm para o mar [livro eletrônico]
: sessenta narrativas brasileiras / Víctor Huerta
Arroyo. -- 1. ed. -- Santo André, SP : Víctor Huerta
Arroyo, 2020. -- (Viagem pelo Brasil ; 1)

1 Mb ; PDF

ISBN 978-65-00-06634-0

1. Brasil - Descrição e viagens 2. Cotidiano
3. Crônicas brasileiras 4. Experiências - Relatos
5. Memória 6. Narrativas escritas 7. Rios - Brasil
8. Relatos de viagens 9. Viagens - Narrativas
pessoais I. Título II. Série.

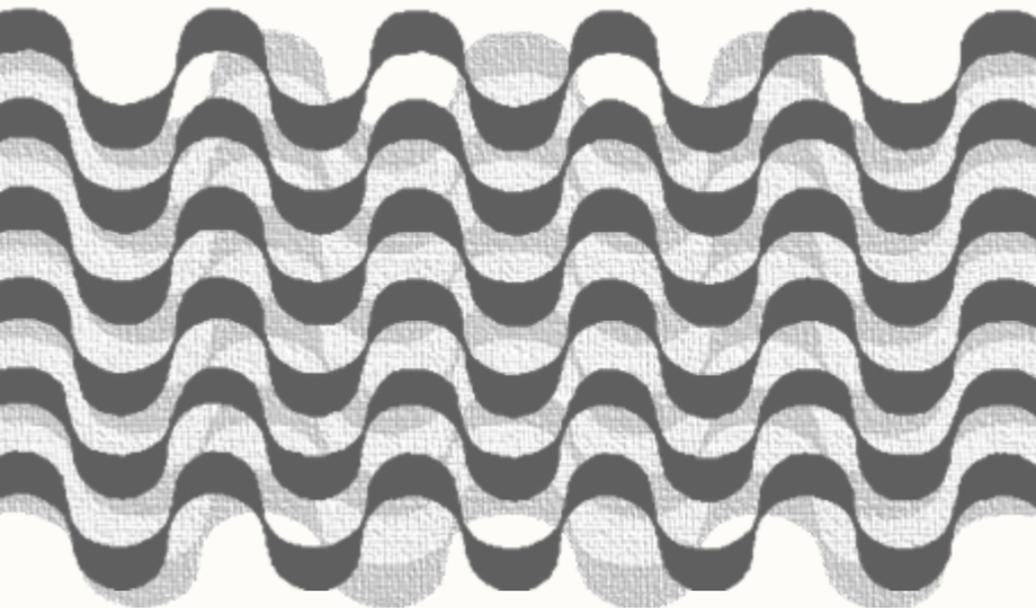
20-40505

CDD-910.4

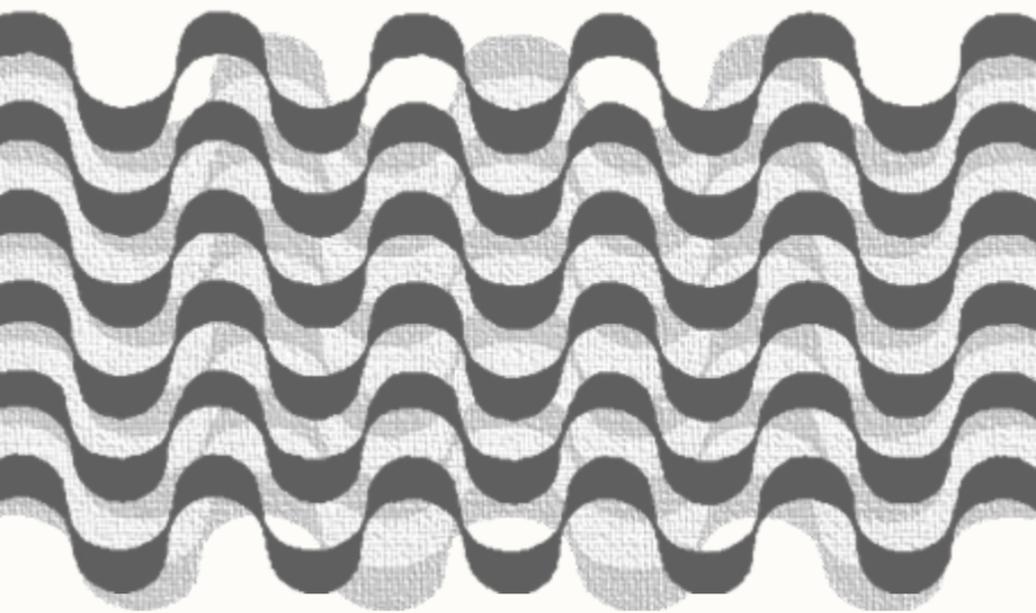
Índices para catálogo sistemático:

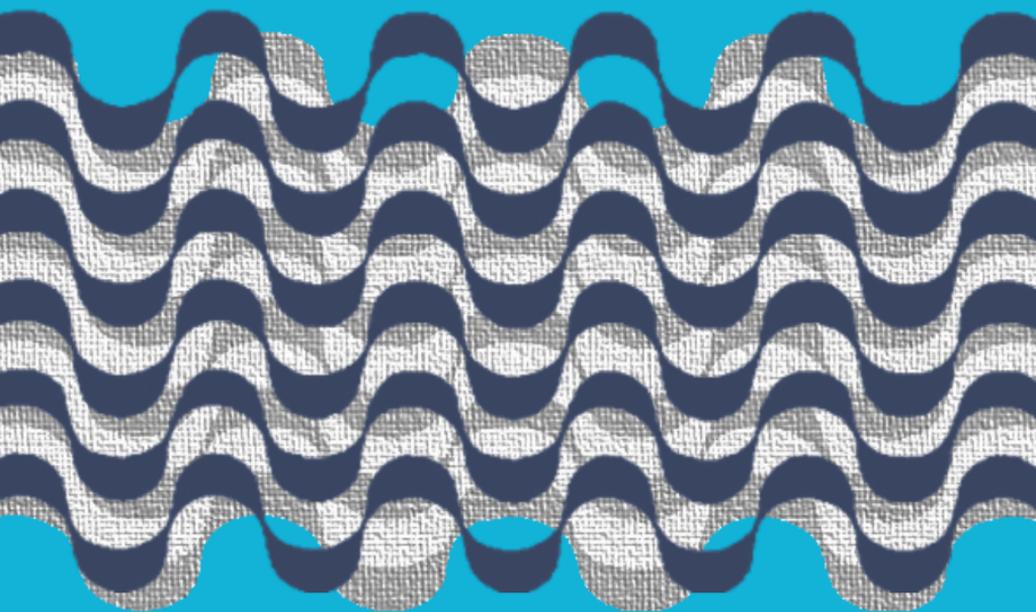
1. Relatos de viagens 910.4

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



por UM BRASIL vibrante, que volta a Ser FELIZ





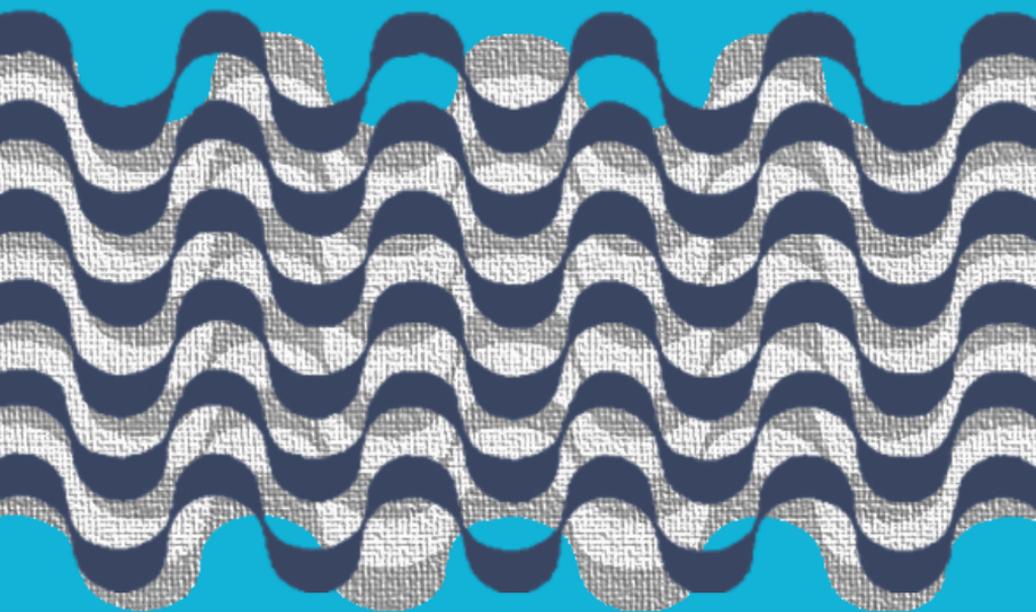
Victor Huerta Arroyo

VIAGEM
PELO BRASIL

Primeira parada

**Rios que Não correm
para o Mar**

SeSSenta narrativas brasileiras

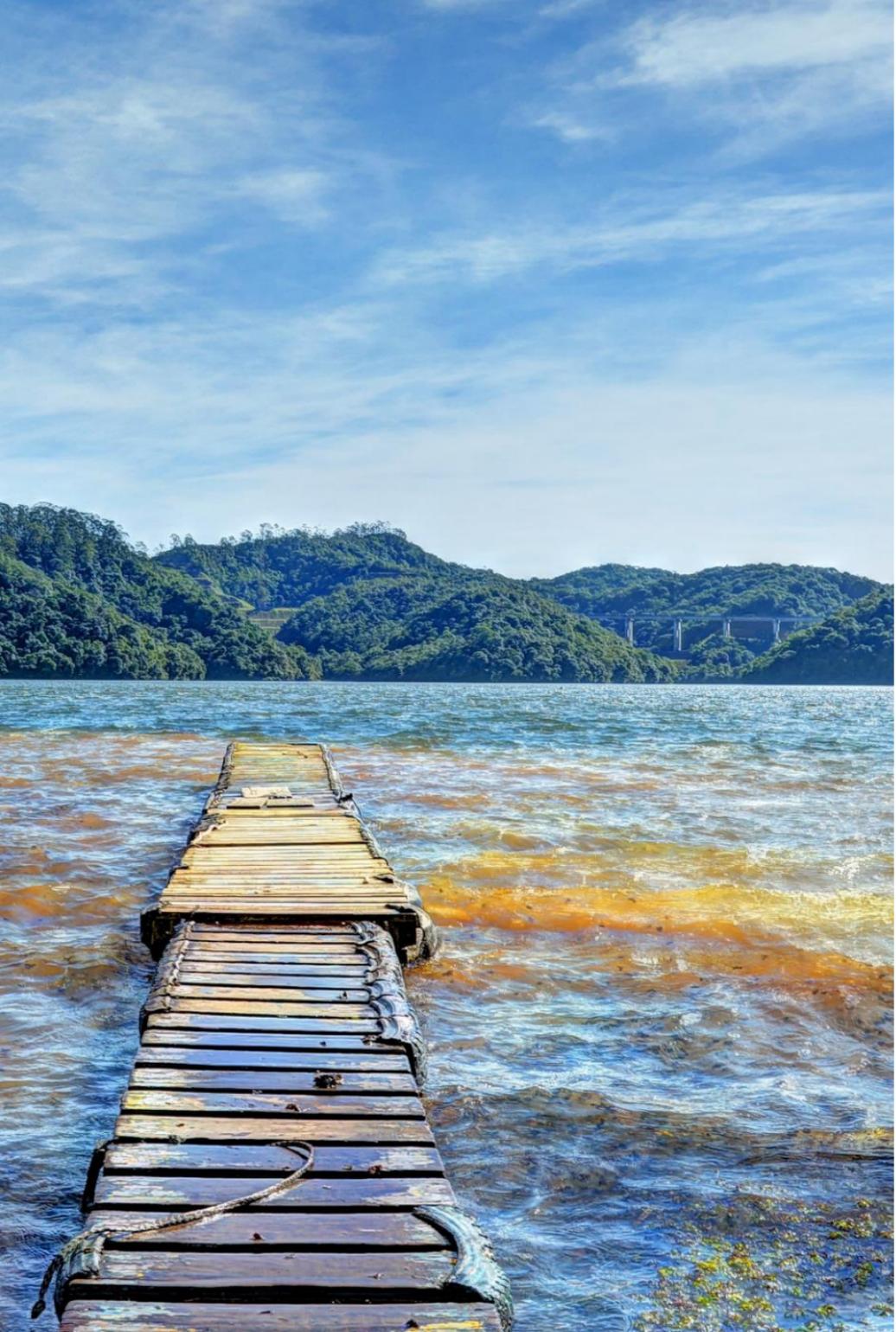


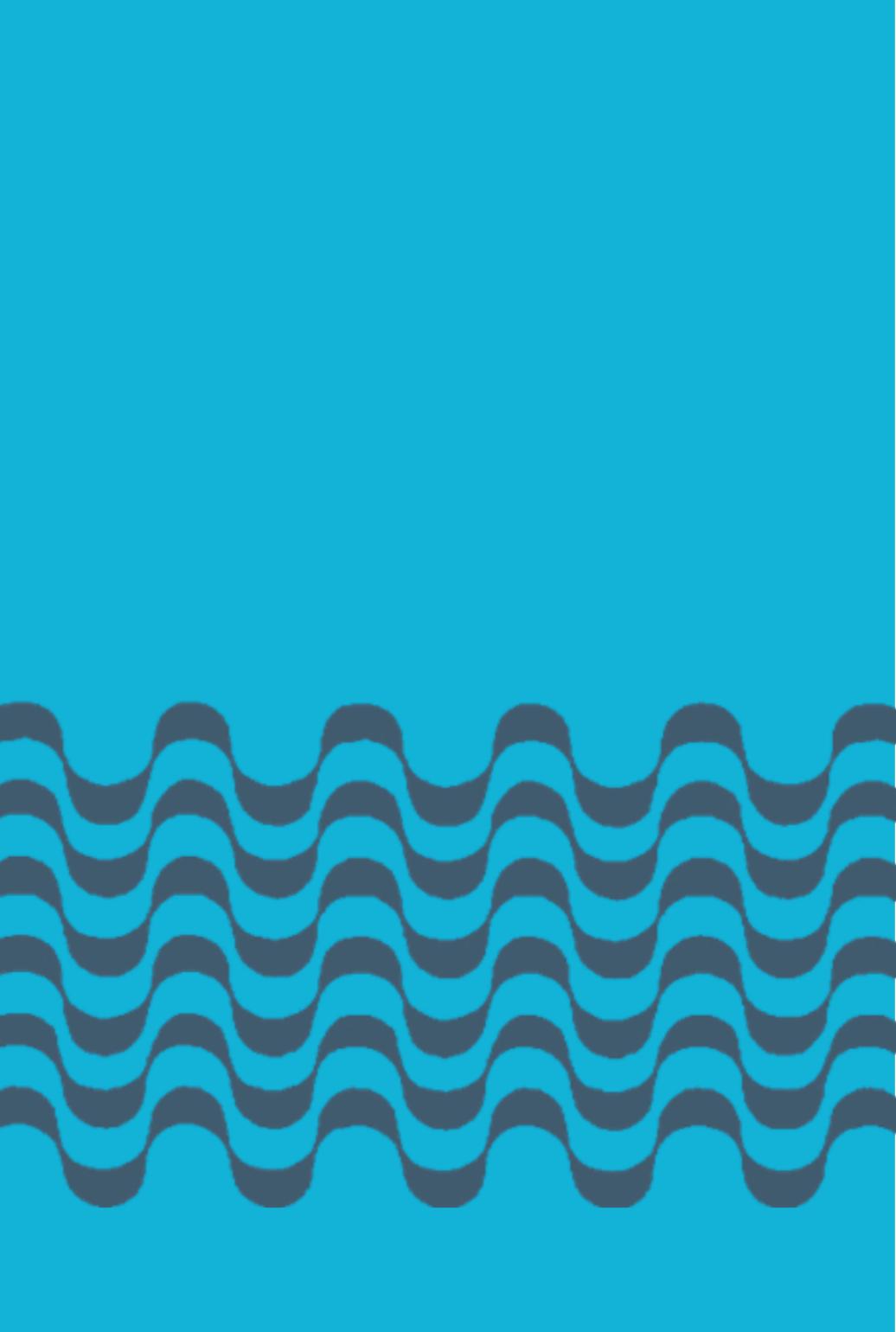
OE!



Represa Billings, Parque Estoril, São Bernardo do Campo-SP

fotografia: Igor Pereira





SUMÁRIO

- PRÓLOGO. COMO abraçar uma grande árvore, 14
01. Para pôr na janela. Morretes-PR, 19
02. AMOR, MEU grande amor. INHOTIM-MG, 21
03. Nome de rua para quê. São Thomé das Letras-MG, 23
04. A Forma de Deus. Livramento de Nossa Senhora-BA, 25
05. UM campeão no caminho. Presidente Kubitschek-MG, 28
06. Sopa grátis não é oferenda. Caruaru-PE, 30
07. Rios que não correm para o mar. Regão do Grande ABC-SP, 38
08. O último Fotógrafo da praça. Vitória da Conquista-BA, 43
09. ESTRELAS que olham para baixo. São José dos Pinhais-PR, 45
10. O bumbum de RISOleta. Belém do Pará-PA, 47
11. Questão de Sinos. São João del Rei-MG, 49
12. AS curvas da vida. Pouso Alto-MG, 51
13. EU, caprioto. Catas Altas-MG, 52
14. Por amor ou pela dor. São Bernardo do Campo-SP, 56
15. UMA casa para Bendegó. Monte Santo-BA, 58
16. Pela direita até Nhá Chica. Baependi-MG, 59
17. SONHOS claustrofóbicos. Caخambu-MG, 60
18. Lições de portaria. Santo André-SP, 62
19. Revolta e indignação. Mariana-MG, 67
20. Faça chuva ou Faça sol. São Lourenço-MG, 69

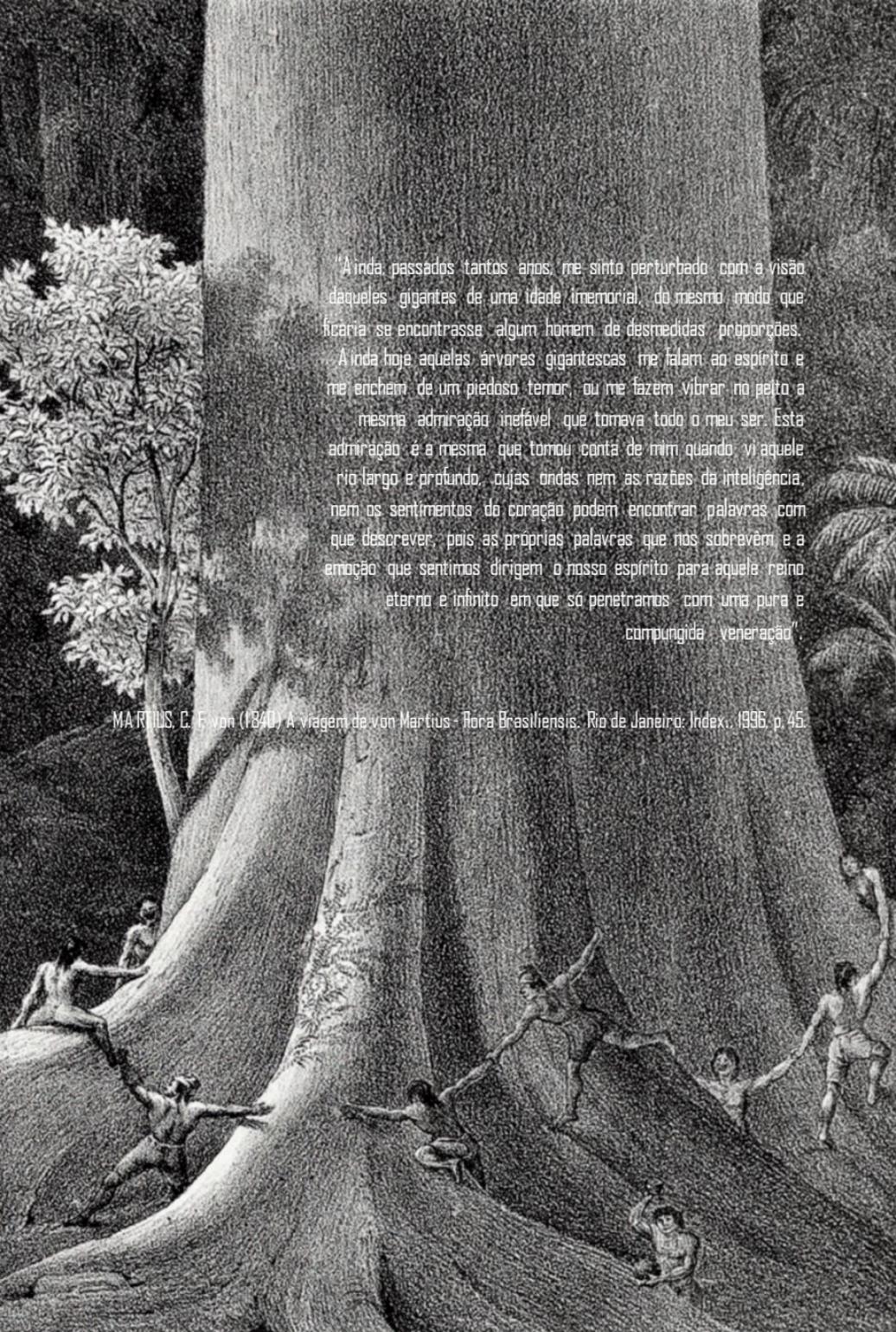
21. A Mais Feia. Poços de Caldas-MG, 73
22. O bom dia do interior. Domingos Martins-ES, 76
23. Para quem gosta de borboletas. Barreiras-BA, 77
24. Como era no princípio. Salto-SP, 80
25. O universo na palma da mão. Bragança Paulista-SP, 82
26. Metamorfose. Cachoeira-BA, 83
27. Conversa de poeta. Canudos-BA, 89
28. Como morrer um pouco a cada dia. Crato-CE, 91
29. Arrogância de Forasteiro. Jeremoabo-AL, 92
30. Só estou aqui para agradecer. Bom Jesus da Lapa-BA, 95
31. Minha mainha sou eu. Juazeiro-BA, 99
32. Diferentes formas para dizer o mesmo. Lençóis-BA, 100
33. Lâmpião está vivo. Serra Talhada-PE, 103
34. Não, obrigado. Feira de Santana-BA, 105
35. Tenho sotaque, meu rei. Paulo Afonso-BA, 106
36. Estranhos na foto. Laguna-SC, 109
37. O inventor inconformado. Juazeiro do Norte-CE, 113
38. Sem palavras. São Paulo-SP, 118
39. 74 graus. Ilha do Mel-PR, 119
40. Seu mundinho. Euclides da Cunha-BA, 121
41. Como saber que não se gosta sem passar pela experiência.
Florianópolis-SC, 125

42. Cultivando Margaridas. Tiradentes-MG, 128
43. Cabelouço pra Ficar bonito. Petrolina-PE, 130
44. Contracorrente. São Thomé das Letras-MG, 134
45. DeSaceLerAr. Ibotirama-BA, 135
46. A diva. Balneário Camboriú-SC, 137
47. Maravilhas do Lado de Fora. Triunfo-PE, 140
48. COM PALAVRAS SIMPLES. Niterói-RJ, 143
49. A ANATOMIA DOS PEIS. Petrópolis-RJ, 145
50. CaFé amargo. Crato-CE, 146
51. A casa do tesouro. Congonhas-MG, 147
52. Memória como castigo. Piranhas-AL, 151
53. O centro do universo. Salvador-BA, 152
54. Não pode! Ouro Preto-MG, 155
55. São Longuinho, São Longuinho. Vassouras-RJ, 157
56. Cidades No plural. Salinas-MG, 158
57. Soberanos taumaturgos. Abadiânia-GO, 161
58. Avião, quero ir! Mãe! Salgueiro-PE, 162
59. Bolo de imigrante. Pomerode-SC, 163
60. UM, dois, três. Canindé de São Francisco-SE, 164



A s árvores que nasceram antes de Cristo na floresta às margens do rio Amazonas
Arbores Ante Christum Natum Eratae, in silva juxta fluvium Amazonum
Litografia de Carl Friedrich Philipp von Martius para o livro *Flora Brasiliensis* (1841)
Gravura

Acervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles.



"Ainda passados tantos anos, me sinto perturbado com a visão daqueles gigantes de uma idade imemorial, do mesmo modo que ficaria se encontrasse algum homem de desmedidas proporções. Ainda hoje aquelas árvores gigantescas me falam ao espírito e me enchem de um piedoso temor, ou me fazem vibrar no peito a mesma admiração inefável que tomeva todo o meu ser. Esta admiração é a mesma que tomou conta de mim quando vi aquele rio largo e profundo, cujas ondas nem as razões da inteligência, nem os sentimentos do coração podem encontrar palavras que descrever; pois as próprias palavras que nos sobrevivem e a emoção que sentimos dirigem o nosso espírito para aquele reino eterno e infinito, em que só penetramos com uma pura e compungida veneração".

MA RTIUS, C. F. von (1840). A viagem de von Martius - Flora Brasiliensis. Rio de Janeiro: Index, 1996, p. 45.

PRÓLOGO

COMO abraçar UMA grande árvore

Toda Nação Merece ter a Sua História Bem Contada. Por isso, quando em 1843 Carl von Martius apresentou sua proposta de *Como se deve escrever a história do Brasil* ao Instituto

Histórico e Geográfico Brasileiro, o naturalista defendeu a necessidade de gerar recursos que inspirassem os sentidos e as emoções para alcançar uma aproximação maior das pessoas com a natureza.

Para descrever a diversidade da flora brasileira, Martius recorreria ao uso da imagem poética, de maneira a provocar assombro, tanto pelo magnífico registro de um patrimônio já familiar para muitos, como pelo estranhamento e espanto face às evidências da existência de um Brasil desconhecido e alheio. Esse processo de reconciliação entre um povo e a terra que o sustenta é a base pela qual pode ser possível escrever uma história bem contada, a história que todo povo merece ter e pela qual todo esforço vale a pena.

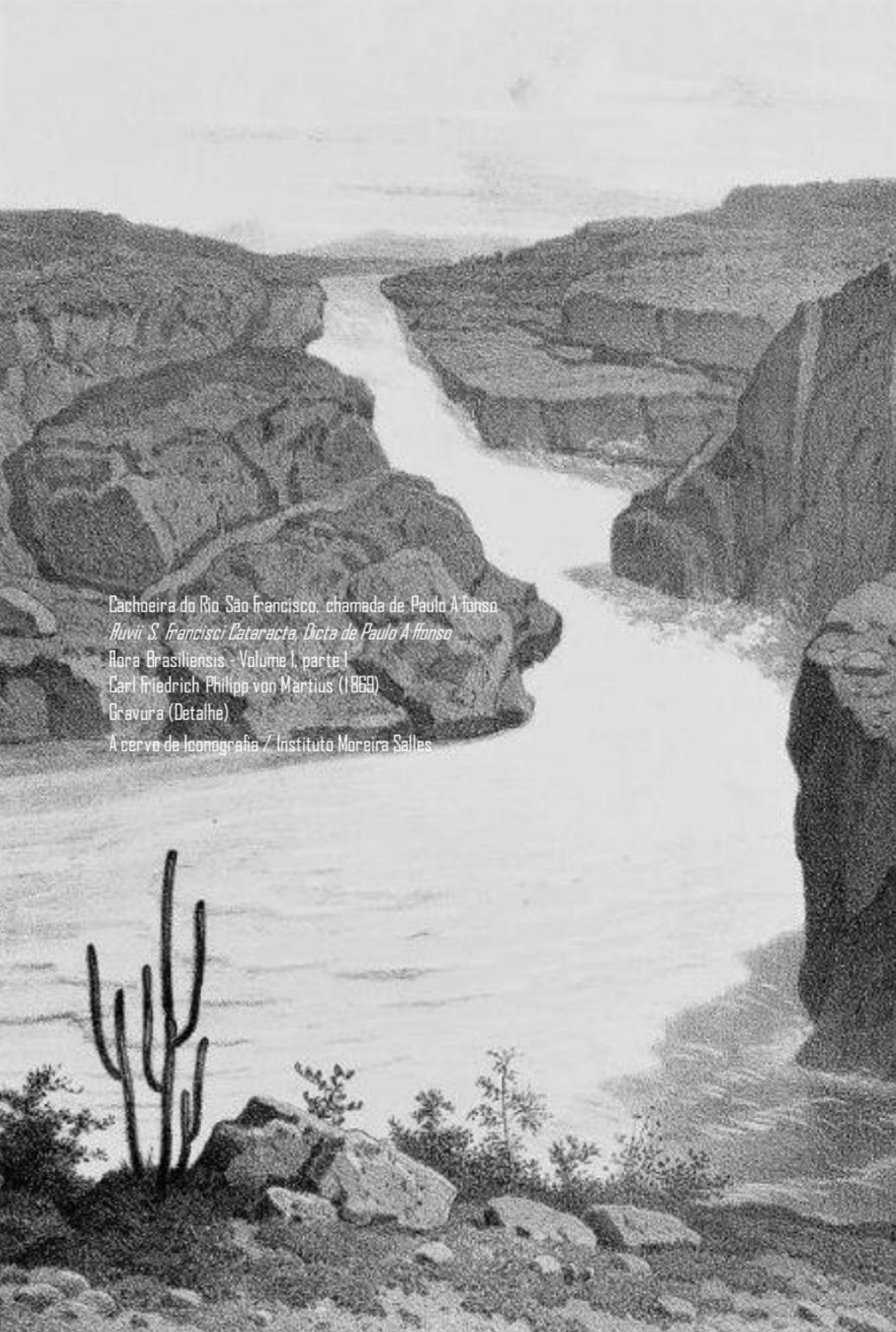
Quando vi pela primeira vez a litografia *As árvores que nasceram antes de Cristo na floresta*, para o livro *Flora Brasiliensis*, tive, assim como o autor, um sentimento de perturbação e admiração pelos gigantes de idade

imemorial. Foi uma provocação que respondia ao desejo de estar aí. “Falta um!”, pensei. “Falta um para abraçar a árvore!”. Era um convite difícil de recusar e que com o tempo se transformaria em uma coleção de narrativas brasileiras do século XXI, reunidas sob o mesmo título que inspirou as grandes expedições de Spix e Martius no século XIX: Viagem pelo Brasil.

Nessa jornada, este projeto percorreu, entre 2017 e 2020, 135 cidades brasileiras. Esta primeira entrega inspirada pela cativante irreverência dos rios da Serra do Mar se guia pelos movimentos anticíclicos e pela poética manifestação da vida de todos aqueles que insistem em contestar as convenções e nadar contracorrente.

Rios que não correm para o mar. Sessenta narrativas brasileiras é o resultado da busca por encontrar maneiras de aproximar simbolicamente as mãos daqueles dois brasileiros da litografia. Estreitar essas mãos, com as suas mãos e com as minhas, para que juntos possamos reencontrar o caminho da reconciliação.

Rios que não correm para o mar. Sessenta narrativas brasileiras intenta resgatar a mágica cotidianidade, as aspirações, a perturbação e o encantamento de milhares de pessoas que transitam pelo país construindo histórias no anonimato, pessoas que amam sua terra e que merecem ouvir o que ela disse, ver o que ela faz, ler o que ela pensa, e sentir que em breve não faltará ninguém para abraçar as gigantes e imemoriais árvores da floresta, que não são outras que o nobre povo brasileiro.

A detailed engraving of a waterfall cascading down a rocky cliff into a river. The scene is framed by high, layered rock formations. In the foreground, a cactus with several vertical stems stands on a rocky outcrop. The overall style is that of a 19th-century scientific or geographical illustration.

Cachoeira do Rio São Francisco, chamada de Paulo Afonso
Fluvii S. Francisci Cataracta, Dicta de Paulo Afonso
Rora Brasiliensis - Volume I, parte I
Carl Friedrich Philipp von Martius (1869)
Gravura (Detalhe)

A cervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles

A black and white photograph featuring a large, dark silhouette of a cactus in the foreground, its branches reaching across the frame. The background shows a wide river, distant mountains, and a sky filled with scattered clouds. The overall mood is serene and historical.

Mandacarú às margens do rio São Francisco. Piranhas-A L (2018).
Em busca do cenário que inspirou a gravura "Cachoeira do rio
São Francisco chamada de Paulo Afonso (1869)", de C. Martius,
200 anos depois.

A cervo de Ikonografia / Instituto Moreira Salles



Namoradeira na janela. Morretes-PR

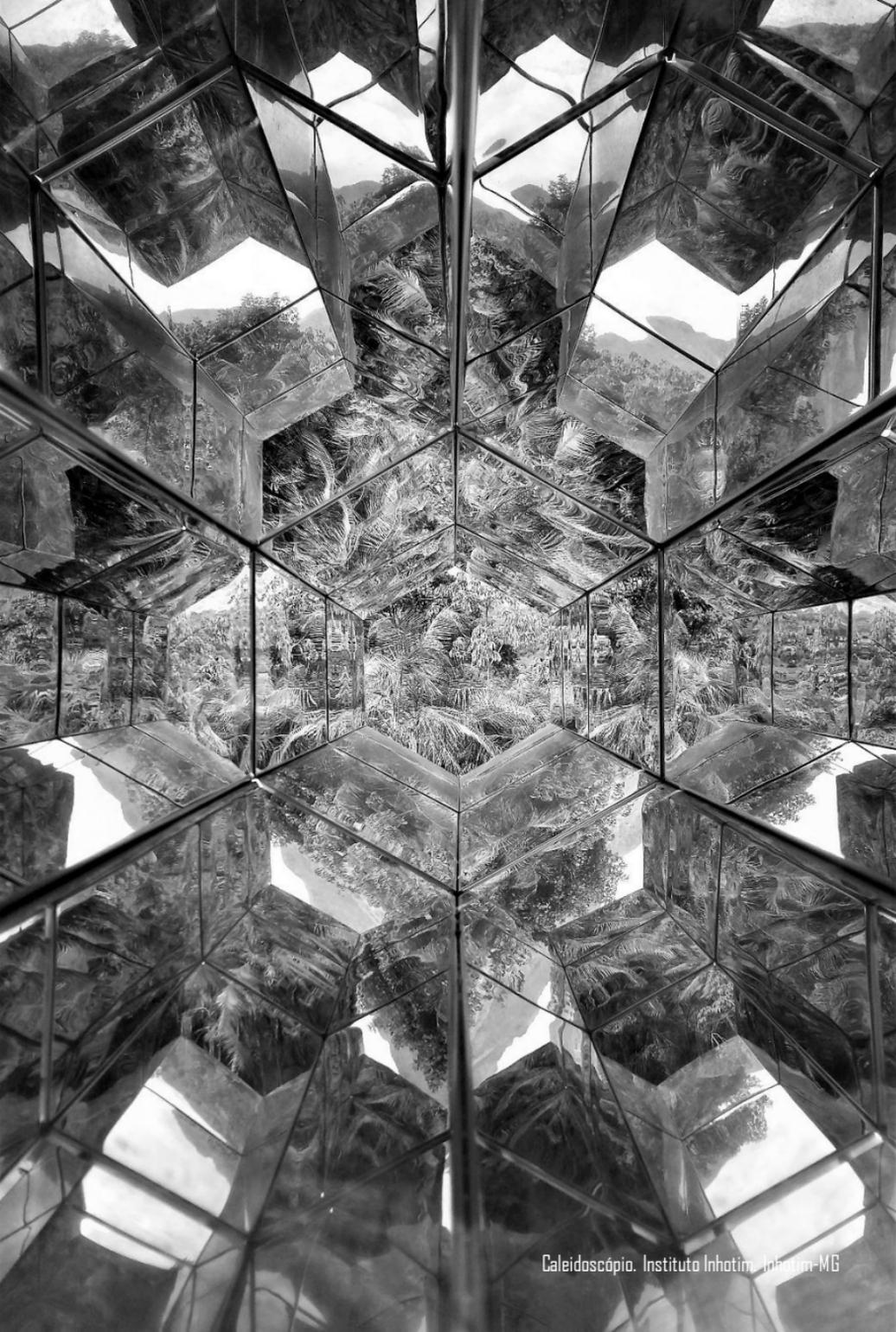
01



Para pôr na janela

Morretes-PR

EU COLOCARIA FLORES NA JANELA. Em cada janela da cidade as colocaria. Flores para serem vistas desde fora e desde dentro. Flores para dizer bom dia. Colocaria também uma "namoradeira". Escolheria aquela com o semblante mais ilusionado, com os olhos com mais brilho, com um sorriso que não é ainda um sorriso, mas um contentamento interior. E ela teria os lábios vermelhos e a pele do Brasil. Usaria roupas coloridas. Seria a própria primavera vestida de flores no inverno. A menina bonita descansaria o rosto sobre uma das suas mãos e com a outra apoiaria o corpo na janela como buscando alcançar a rua. A colocaria na janela, porque ela entende de amor e de paciência. A colocaria para ver a vida passar, para mostrar que é possível sonhar sonhos profundos sem dormir, para acompanhar a marcha de quem vai por fora distraído. A colocaria apenas para estar aí, para guardar as confidências que me ouviu dizer, para sonhar os sonhos que ainda não sonhei. E assim, estando ela na janela, poderei me assomar para lhe fazer companhia e, entre flores, ver a vida transcorrer como um dia de domingo.



02



Amor, meu grande amor

INHOTIM-MG

Moacir começou a beber aos 13 anos e só parou aos quarenta. Mérito próprio, mas também do amor e paciência de sua devotada companheira. Casado há 50 anos, participa dos passeios organizados pelo Posto de Saúde de Nova Lima, cidade próxima a Belo Horizonte. Dessa vez está sozinho, pois sua mulher preferiu ficar em casa. Ela sofre de depressão por causa da obesidade, por isso sai pouco, fala pouco, parece que suas forças foram consumidas na recuperação do marido. Moacir segue o grande grupo atento para não se perder. A maioria são idosos, como ele. Caminha devagar repetindo que nunca nada é totalmente como gostaríamos. “Assim são as coisas. É a vida”, reflete. E enquanto conversamos, Moacir tira a foto de uma escultura que chama de árvore retorcida, arrisca uma *selfie*, sorri, é simpático. “Um dia de cada vez”, repete a frase como um mantra. Moacir, assim como a grande maioria dos idosos com quem conversei no parque de Inhotim, sabe falar de amor. Conhece bem o sentimento. Dona Maria Helena e dona Aidê estão por perto. Conversei com elas minutos antes e suas histórias

coincidem. O amor, ao parecer, é misterioso, nos toca de alguma forma e nos arrebatava. O amor humano é doloroso, ouço dizer. Mais do que amor, é desamor. O amor verdadeiro sempre aparece na vida, mas raramente fica. E aquele vazio ninguém preenche. A redenção virá de alguma forma, às vezes na inspiração do amor divino, colocando a Deus nessa equação, às vezes com outro amor, vestido como tal, mas diferente. Quem falou que a vida da gente precisa ser completa, ou feliz?

Moacir se sente agradecido pela oportunidade de recomeçar. “Sou um sobrevivente”, repete. Sabe que a mulher que ficou com ele a pesar das suas derrotas para o álcool foi um farol na tempestade. No entanto, quando está sozinho, quando apazigua seu coração e encontra as palavras certas para descrever o que sente, quando vence a culpa e é finalmente livre, suas lembranças voam rápido e o levam até o passado. Então perde o medo e se aventura até o colo da mulher amada, a beija com paixão, se extravia dentro dela. Seu grande e verdadeiro amor mora na sua juventude, em outro tempo, tem outro rosto, é outra. Mas depois acorda, recrimina os sentimentos, reage rápido, se recompõe, fala o nome da boa companheira, olha para ela com amor, com outro tipo de amor, segura a sua mão, sussurra algo bonito, deita ao lado e volta a ficar em paz. Então agradece a Deus, fecha os olhos, lembra da luta diária, pensa na tempestade e no farol, e adormece. Perto daí, dona Maria Helena me confessa que deixou de ser a mulher sensual que era para virar mãe, avó, para

criar coragem e conseguir se separar do homem com quem se casou. No caso dela, o amor verdadeiro chegou tarde, vinha com compromissos de outros tempos, não era livre. Era um amor acorrentado que trazia enorme sofrimento e que preferiu chorar em silêncio até conseguir abandonar. “Só com ele fui feliz”, me conta. Depois faz uma pausa. Ri alto. Pensa que já falou demais. “Falei o que não devia”. Depois se aproxima de mim e acrescenta com maravilhosa sabedoria: “Há segredos no coração de uma mulher que precisam ficar guardados. É melhor assim”.

03



Nome de rua para quê

São Thomé das Letras-MG

O dono da padaria que fica em frente à rodoviária de São Thomé das Letras é um idoso com cara de criança. Ele não quer saber de nomes de ruas. Não as conhece. Não sabe o nome de nenhuma e, ao que parece, nunca precisou delas para ir e vir na pequena cidade revestida em pedra. Para ele as pessoas ficam perto ou ficam longe, ao lado de grandes árvores, lojas ou restaurantes, igrejas, caminhos, largos ou becos. “Nome de rua para quê?”, disse, enquanto

me pergunta o nome da pessoa que procuro. A internet falha e não sei onde estou. “Nome de rua para quê?”, repete mais uma vez. “Não tenho idade para decorar nomes de ruas. Prefiro saber o nome das pessoas que por aqui passam. Me diga o nome, que se for desta cidade seguramente eu conheço”, arrematou impaciente, querendo ajudar.

E conhecia mesmo! E enquanto celebrava sua displicência com as ruas e seus nomes, e a sua boa memória, o seu rosto sorridente ficava mais jovem e seu semblante, relaxado. Celebramos com um cafezinho, do tipo que se ferve na panela com o açúcar e o pó misturados na água, e um pão na chapa recheado com um generoso pedaço de queijo de Alagoa. Pensei como seria a vida se aquele senhor tivesse de morar em uma cidade maior. Seguramente menos feliz. Ao longo desses anos, conheci pessoas singulares, algumas pelo modo de falar, de vestir, de expressar suas ideias. Conheci gente que ainda escreve cartas manuscritas ou as digita em velhas máquinas de escrever. Estão também os que detestam aparelhos celulares ou renegam da internet, mas nunca imaginei que aqui em São Thomé das Letras um cavalheiro antigo, que ama os pães, o café e os queijos curados, tomasse a decisão de não querer saber de nomes de ruas. O bom padeiro prefere usar a memória de maneira seletiva, prefere as pessoas e suas relações, seus rostos e suas histórias familiares. Para ele, tudo parece melhor do que a burocrática organização de uma cidade que pouco a pouco vai perdendo a capacidade de reconhecer quem é de fora. Em algum lugar existe um grande inferno onde tudo

está registrado, os códigos formatados, os números assignados, mas onde ninguém se reconhece. A morte chega, segundo a filosofia daquela singular padaria, depois do anonimato. Quando somos esquecidos pelas pessoas e nosso nome fique extraviado na memória de quem nos conheceu. Isso ocorrerá mesmo que a nossa jazida final tenha CEP e o endereço do túmulo esteja arquivado dentro das prateleiras de um bonito móvel de jacarandá.

04



A forma de Deus

LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA-BA

O pai da JULIA visitava a sua avó diariamente e passava alguns minutos conversando com ela. Era uma conversa amena, quase sempre unilateral, de como fora o dia, da chuva que não chega, dos preços na feira, dos filhos, da vida. A boa mulher fazia acenos com a cabeça, prestava atenção em tudo. Segurava as mãos do neto e imprimia força quando, incomodada, a conversa derivava para a política ou ficava pessimista. Quando gostava do que ouvia, e queria marcar acentos, batia palmas, acariciava seu menino e sorria com os olhos, quase até fechá-los. Para

essa mulher, havia pendências que precisavam ser resolvidas e que uma vida por muito longa que fosse resultava insuficiente. Queria imaginar que a morte não se atreveria a interromper a sua obra inacabada. Mas, não era apenas uma questão de tempo, era também um tema de força, da força e disposição para empreender e realizar. Essa energia parecia ter se evaporado aos poucos sob o sol quente nos dias em que ainda se aventurava a sair à rua. Certa vez o pai da Julia antes de ir embora perguntou: –Quer café? –Quero viver! respondeu ela, no mesmo instante. Como se essa demanda tivesse finalmente encontrado uma forma de sair dela e ganhar o mundo. Julia também visitava a bisa com frequência. Uma tarde, ao encontrá-la dormida no sofá, se aproximou até o limite da respiração para observar em detalhe se acaso aquela mulher ali sentada poderia ser ela no futuro. A forma do rosto, a boca, os fios do cabelo, a musculatura, as mãos, o tom da pele. Não havia parecido algum. Essa mulher não guardava semelhanças. Essa mulher, a sua bisa, era Deus! Aquela senhora de mãos enrugadas e sulcos profundos no rosto, sentada em um sofá gasto de uma sala singela no interior de uma pequena casa isolada na área rural de Livramento de Nossa Senhora, na Bahia, era a imagem de Deus. Se Deus tivesse uma forma, teria forma de mulher. Se Deus tivesse uma forma, para Julia, seria delicada e frágil, seria amorosa, quase silenciosa. Seria uma bela idosa, como tantas que agora mesmo dormem apassíveis e soberanas, invisíveis, no sofá das nossas casas.



05



Um campeão no caminho

Presidente Kubitschek-MG

O Motorista do Ônibus entra na pequena cidade levantando o braço como um campeão. Tenho a impressão que em Presidente Kubitschek todo mundo se conhece pelo nome e imagino que deve ser mais uma cidade onde ninguém sabe o nome das ruas. É como se todos nascessem sabendo como chegar aos lugares. E é porque os lugares em Kubitschek não importam, importam as pessoas nos lugares. Por isso, enquanto o ônibus sobe a ladeira, penso que um caminho é a distância possível de ser percorrida por alguém em busca de outro alguém. Que não existem caminhos sem pessoas. Que querer chegar é querer estar perto. Que caminhar é outra forma de amar. E quando a cidade é pequena não há necessidade de nomes nas ruas nem mesmo de ruas. Sempre existirão caminhos onde existam dois para se encontrar.

As crianças correm atrás dos cachorros, que correm atrás do ônibus que avança barulhento em direção à praça da igreja. O braço esquerdo do motorista continua estendido se agitando para fora da janela. Parece um soldado voltando da guerra, um atleta ganhando a maratona. Com

o dedo lança um cumprimento para cada cabecinha que se assoma e responde alto às saudações vindas das marquises do pequeno comércio, do bar e da padaria. Se mostra orgulhoso. Parece que volta à pátria. Quem está na rua comemora. Ladeira para cima, curva, ladeira para baixo, freia, acelera, buzina. O motorista para no meio da rua para ouvir histórias, para dar conselhos, para combinar almoço e batizado. Um pouco mais adiante o ônibus estaciona. Os cachorros chegaram à praça primeiro, as crianças vão chegando aos poucos. A diversão de sábado parece que vai durar para sempre, mas também acaba. Na parada, sobe apenas uma mulher. Ninguém desce. Sem demora o ônibus volta a andar, faz a conversão e retorna por onde veio, descendo a rua. Dessa vez estou animado. Estou com a janela aberta querendo ser um campeão, um viajante vitorioso que levanta o braço e aponta sorrindo para as pessoas, as cumprimenta aos gritos de viva e promete que voltará, com mais tempo dessa vez, carregando causos para contar e muito para compartilhar. Quem sabe assim construirei caminhos que os levem até mim e também me transformarei em destino.

Só que a partida é diferente. Algo muda. A pequena Kubitschek recobrou o silêncio. Os cachorros já não correm, deitaram preguiçosos. As crianças ficaram na praça, esgotadas. A padaria e o bar estão em silêncio. As janelas das casas, fechadas. As cadeiras de plástico, que no sábado ficam nas portas, vazias. A celebração da chegada acabou. Toda partida é uma pequena morte. Penso nisso

enquanto fecho a janela e faço silêncio em sinal de respeito. Eu, que cheguei a pensar que entendia sobre chegadas e partidas, não imaginei que esta pequena cidade no interior de Minas Gerais também sabia, mais e melhor.

06



Sopa grátis não é oferenda

Caruaru-PE

Na rua 7 de Setembro, no centro de Caruaru, trabalha Ana. Ela é casada e tem um filho pequeno de três anos que batizou com o nome de um santo. Ana é pernambucana, não tem mais de trinta anos e vende sopas na calçada. Segundo ela me conta, a sopa de feijão é a mais pedida, mas também sua sopa de charque costuma receber elogios. Além dessas, Ana oferece opções com camarão e o sopão, mais consistente, com legumes, cará, inhame e macarrão. O toque de sabor é segredo de família. Fico sabendo apenas que uma boa sopa demanda muita paciência e cuidados, pois precisa ficar horas em fogo baixo, sem esquecer dela. Para Ana, esse segredo também se aplica ao amor. “Muito fogo evapora a água e em vez de cozinhar, queima. Sem fogo não tem sopa. Sem fogo, a

sopa esfria, igualzinho ao amor”, finaliza o raciocínio.

Enquanto conversa comigo atende a um cliente que pede para acrescentar azeitonas e um ovo de codorna. Dentre as histórias que ouvi dela, porque Ana é falante, boa de conversa e revoltada com o preço da luz –seja dito de passagem– me chamou a atenção uma observação que ela fez. Como dona de um comércio ambulante de comidas, interage com muita gente. Em Caruaru, as pessoas gostam de comer na rua, literalmente na rua, e quem fica exposto e enfrenta indistintamente sol e chuva, vento e poeira, educação e truculência, conhece sobre comportamentos sociais e desenvolve um sexto sentido sobre eles. Mesmo assim, Ana coleciona histórias das vezes que foi enganada com o embuste da ligação urgente, do princípio de infarto, do aperto intestinal, ou porque disseram, quase sem imaginação, ter esquecido a carteira em casa.

É normal que lhe peçam fiado, e quando acontece, Ana, com olhar atento, se antecipa e contesta em bom tom que não pode dar comida de graça, porque a conta de luz esse mês chegou a R\$200. Fala que o dinheiro está curto e que a sopa que prepara é sustento para o corpo, mas é a base de sua pequena economia familiar. Utiliza essas palavras, porque sabe com quem está falando, conhece bem o perfil de pedinte, quase sempre excluídos sociais, doentes, gente com o corpo e a alma em farrapos, geralmente pouco violentos. Mas há momentos que quem se assoma e pede, quase exige, é o próprio retrato do terror, um tipo de personagem perigoso, cada vez mais abundante no centro

da cidade. Quando é assim, Ana não fala nada, apenas pega um copo de plástico e coloca a sopa até a borda, às vezes agrega uma azeitona, um ovo de codorna, pequenos mimos, e espera aquela assombração ir embora e se perder nas sombras. Ana não discute, sabe bem o que está fazendo, simplesmente negocia. Ela está convencida de que se não fizer desse jeito o bandido a esperará ladeira acima, cometerá uma maldade e poderá perder seu negócio, sua saúde ou mesmo a vida por motivo torpe. Uma vida preciosa e empreendedora por uma sopa.

O curioso de tudo isso é que enquanto Ana falava me veio a lembrança de uma idosa balinesa que conheci anos atrás e que diária e religiosamente colocava uma tigela de arroz branco na porta da sua casa. “Este arroz” –me disse um dia– “é para o demônio”. “O diabo passa pela minha porta todo dia de manhã. O mal não faz concessões nem gosta de delongas, conhece onde eu moro, sabe de mim, porque sou velha e já erreí demais. Eu já passei do tempo para começar lutas novas, lutas que não poderei ganhar, prefiro negociar. Assim ele me deixa tranquila e eu continuo em paz”. Naquela ocasião a explicação da idosa me causou certo espanto, mal sabia eu que o comentário de Ana, tempo depois, chegaria carregado de sentido. A jovem pernambucana e a idosa balinesa, de origens tão diferentes, têm razão. Há momentos na vida, e não são raros, em que não há espaço para o enfrentamento. Nesses casos resta apenas ficar em silêncio, ensaiar um agrado e negociar. Afinal de contas, sopa grátis não é oferenda.



Artesanato de Mestre Vitalino, Alto do Moura, Caruaru-PE



Casamento na roça (detalhe). Artesanato de Mestre Manoel Eudócio. Alto do Moura, Caruaru-PE





Parque Estoril, São Bernardo do Campo - SP

Fotografia: Igor Pereira



07



Rios que não correm para o mar

Região do Grande ABC-SP

O córrego corre pro rio, o rio corre pro mar. Deveria ser assim, mas nem sempre. Quando cheguei ao ABC conheci cidade e conheci rio. Da cidade guardo a lembrança dos caminhos e das pessoas, que também são cidade. Dos rios carrego sua subversão ao maltrato. Há vários enfrascados dentro de trilhas de concreto; o primeiro que vi naqueles dias da minha chegada foi o Tamanduaté. Soube que nasce na Serra do Mar, nas partes altas da muralha, pertinho do Atlântico. É lá que dá seus primeiros passos, abre os olhos e espia, como um garoto curioso protegido pela neblina, o ritmo festivo da praia e do mar. Mesmo tão próximo da pendente, aquele horizonte não faz parte da sua jornada, apenas observa animado sem se deixar vencer pelo fascínio. O espírito dos rios que passam pelo ABC carrega em si a alma de todos os rios e suas demandas, mas também a rebeldia de todos os seres e seus destinos. E eu que pensava que a sina de um rio fosse a sua morte no estuário, não considerava que todo rio nasce enquanto morre e morre enquanto nasce. Que as águas que brotam na nascente são o mesmo rio que lá na frente se entrega ao mar.

E que entre o constante nascer e morrer está um serpenteante caminho que marca a essência da sua identidade. Será por isso que antes de desaguar os rios parecem brincar em meandros fazendo curvas, como querendo esticar seus cursos, preguiçosos, resistentes? Como querendo voltar a passar pelos mesmos lugares e ser vistos, melhor vistos, por mais pessoas, carregar mais folhas, transportar mais vida.

E embora aprisionados e domesticados, retificados seus cursos, canalizadas suas calhas, escondidos, quase afogados pelas suas próprias águas, aqueles rios desistem de ver o mar tão perto. Estão vivos e gritam os nossos nomes, todos os nomes, dos que atacam e dos que resistem. Chamam pelos heróis, os que a história preservou, e os silenciados, que ninguém mais recorda. Gritam os nomes dos displicentes, dos desencantados, dos indiferentes, não importa. A vazão de um rio murmurante sempre será um chamado universal, quase um clamor que invoca a resistência. “Essa terra de rios valentes devia ser também terra de gente valente”, pensei. Como não gostar do ABC se seus córregos que viram rios renunciam aos caminhos fáceis que os levariam ao mar tão próximo e buscam, como ainda o fazem tantos brasileiros, o coração palpitante dessa terra. Quem dera podermos sair por caminhos inesperados e quebrar os protocolos, andar contracorrente até encontrar esse espírito extraviado. Como não gostar dos rios do ABC, que como outros da Serra do Mar, nos ensinam que o início e o final, o nascer

e o morrer, são fulminantes e que apenas existem para observar o que acontecerá no meio, no caminho, no percurso sinuoso das nossas trajetórias.

Nesse exercício de obstinação, o Tamanduateí se entregará sem fadiga aos pés do Tietê, que desde suas partes altas e robustecido pela doação de outros rios voltará a correr para dentro atravessando a cidade grande e o interior de São Paulo até formar o Paraná. Assim, carregado em outros braços, a energia do Tamanduateí seguirá demorada jornada, como fizera nos tempos das monções bandeirantes, e antes, como rota frequente das nações indígenas ao centro-oeste brasileiro. E então, milhares de quilômetros depois de ter nascido nos relevos montanhosos da Serra do Mar, e depois de ter beijado amoroso e muitas vezes o solo do Brasil, entregará suas águas ao Rio da Prata, e falando espanhol, sob esplendida paisagem, verá o mar meridional antes de falecer. Mas seu caminho não foi fácil. Disciplinado até a exaustão viu seu corpo manchado de impurezas e o eco dos seus saltos e cachoeiras, que anunciava seu passo pela mata atlântica, silenciado irreversivelmente. Era o nascimento de um país que exigia sacrifícios e, distraído ou displicente, acumulava erros para alimentar seu progresso. Rios que não correm para o mar. Quem dera sermos assim, como os rios rebeldes que correm pelas veias de São Paulo ou como os inquebrantáveis rios do ABC, inconformados, teimosos, sobreviventes. Que privilegio poder ser como eles, sempre prontos para começar de novo, nascer todos os dias, morrer todos os dias, e nesse vaivém pausado, transbordar.



Vila ferroviária de Paranapiacaba no alto da Serra do Mar, Santo André - SP



"Raio do sertão". Praça Tancredo Neves. Vitória da Conquista-BA

08



O último fotógrafo da praça

Vitória da Conquista-BA

ALENILDO NASCEU EM VITÓRIA DA CONQUISTA e não imagina sua vida em outro lugar. Passou a juventude vendo familiares e amigos deixarem a Bahia dispostos a correr atrás da boa fortuna e do dinheiro. Celebrou e chorou, como muitos, o êxodo diário de centenas de sonhadores convencidos de que era possível recomeçar a vida em outro lugar, triunfar e depois retornar, ou acaso não voltar jamais. “Como se fosse isso possível”, pensava ele em voz alta. Como se todo baiano tivesse a liberdade de abandonar totalmente a sua origem apenas por largar sua terra por bem ou renegando dela.

“Ninguém deixa totalmente a Bahia. Isso não acontece. Não se corta essa união só com atravessar uma divisa”, comentava. Para ele, não nascem pessoas novas em estradas. Qualquer pé de árvore pode ter mais de um fruto, mas apenas uma raiz. Na Bahia ninguém renuncia à sua naturalidade. Não são os quilômetros percorridos nem as ventanias de outros lugares tão potentes como para arrancar o pó da terra que respiramos, ou os rios que bebemos. E nesse tempo no qual todos iam, Alenildo preferiu ficar. Não se imaginava em outro lugar, caminhando em outras ruas, sentado em outra

praça. Não queria ser chamado de *paraíba* nem ser diminuído por gente que nada entende do Brasil, da grandeza do Nordeste, da riqueza da Bahia, do orgulho de ter nascido em Conquista. Não seria ele mais um que deixara tudo para se transformar em aventureiro, em pobre e rude nordestino, morando e construindo periferias, disfarçando a origem, renegando a própria sorte. Não aconteceria com ele. E em vez da força braçal, que aquele tempo demandava, desenvolveria com os anos a delicadeza da composição e do registro da imagem. Se transformaria em fotógrafo itinerante, solícito ao transeunte, delicado e sensível com a câmera. Não faltavam naquele período sonhadores como ele, ilusionados com a vida, mas irreverentes com o tempo, hábil em descolorir legados e apagar memórias. Alenildo decidiu ficar por entre as árvores e suas sombras, com as torres da Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, vibrantes em dias de festa, mais bonitas quando emolduradas pela sua lente. Com ele, ficaria também um cavalinho de madeira, vestido de nordestino, de olhos de vidro e detalhes em couro, herdado, veterano na cidade e na profissão. Juntos passariam trinta anos na praça vendo Conquista se transformar, do que fora uma cidade em que a fotografia era privilégio para poucos até o momento difuso em que seu olhar treinado se tornou prescindível, um dia antes de amanhecer, e acordar velho. Tudo aconteceu tão rápido que não foi possível perceber em que momento seu ofício deixou de ser importante. Ficou anacrônico e invisível, tanto aos olhos dos namorados que não o procuram mais

para perenizar o amor, como para as crianças que passam correndo diante do pequeno cavalo sem apenas perceber seu chapéu de cangaceiro, sua crina preta escovada ou suas condecorações. “Na Bahia já quase não há fotógrafos de praça, talvez em Feira tenha um, pode que em Itabuna resista outro. Em Conquista era eu”, reflete, desanimado, o jovem que não quis migrar e que hoje, idoso, ainda espera um cliente sentado no banco da mesma praça. Ele e o cavalinho nordestino ainda resistem. Talvez seja porque pouco há no mundo maior que certas teimosias.

09



Estrelas que olham para baixo

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS-PR

Se NÓS, observamos as estrelas, lá no alto, levantando o olhar para elas, será que as estrelas, ou alguém que more nelas, abaixa o olhar para nos ver aqui, onde estamos? Não. Não há como alguém parado sobre uma estrela olhar para baixo. Para baixo apenas a visão do chão, do solo e sua composição. Quem, de uma estrela, se atreva a olhar outras estrelas, outros planetas ou a nós, será forçado a olhar sempre para cima, como uma criança

que olha para quem é maior. Olhar para cima é uma forma de humildade e um modelo de interação com os outros. O nosso olhar, para onde quer que ele alcance, deveria ser de admiração e curiosidade para quem brilha absoluto, e de entendimento e fraternidade para quem renunciou à luz, ou dela se afastou. É no quadro preto onde ressaltamos nossos contrastes. Olhar para cima, entre matas de araucárias, é uma experiência que nos ensina a ver o brilho de quem tem, desses magníficos pontos de luz igualmente insignificantes diante da assustadora escuridão da qual também fazem parte.

E durante o longo passeio noturno pelas ruas de São José dos Pinhais surge a constatação das assimétricas relações presentes na natureza. O resplendor e a opacidade, opostos e enfrentados, se encontram tanto nas pessoas, como no firmamento acima delas. Será que uma estrela brilhante cultiva a compaixão pelas sombras, como um ser humano iluminado a cultiva pelos seres menos felizes? Sentir compaixão implica de algum modo uma relação de assimetria entre quem está elevado e quem está diminuído. Daí o cuidado para que a nobreza da compaixão não seja a validação de um sentimento de superioridade, armadilha dos que brilham. Como fazer para que na nossa opacidade possamos ver aos que nos superam em capacidades sem que a inveja entorpeça a admiração que poderíamos sentir? Talvez olhando para o céu profundo em noite estrelada. Talvez nos perguntando se lá de cima tem alguém que também olha e se faz as mesmas perguntas.



O bumbum de Risoleta

Belém do Pará-PA

DONARISOLETA ENCARNAÇÃO era conhecida na década de 1990 como Risoleta rabetão. Aos 85 anos, se orgulhava do apelido argumentando ter um traseiro com musculatura avantajada e firmeza singular. Bem concebido e estruturado, seus volumes batiam acompassados ao andar, engolindo calças, saias, vestidos e qualquer tecido com voracidade. Segundo sua entusiasta freguesia, aquele invejado atributo ficou melhor com o passar dos anos. Abraçado pelo cetim, ou ao natural, nada devia em acabamento e textura a outras mais jovens, mesmo às que pareciam pecar por exuberância. Risoleta celebrava às gargalhadas a única herança da mãe Quitéria, cabrocha das mais belas e desejadas de sua época que, assim como ela, viu seu corpo defenestrar à exceção do bumbum que foi misteriosamente poupado do alçó do tempo. Seria, pois, Risoleta, a filha mais nova de doze nascidos vivos, quem faria da rua Riachuelo, no centro histórico de Belém, palco de inúmeras narrativas verdadeiras e fantasiosas, tendo como protagonista o traseiro mais cobiçado do submundo da prostituição paraense. Muitos incautos já naufragaram

no vaivém desse patrimônio. Não há registro de mortos, mas sim feridos, várias disputas, brigas de bar no verbo e a faca, e até pedidos de casamento com promessas que incluíam sempre um final feliz e mentiroso. Desse passado só constam lembranças e contas imprecisas que de vez em quando curiosos faziam para enumerar seus amantes. Risoleta se considerava uma instituição presente no imaginário de centenas de homens e também de mulheres, brasileiros e estrangeiros que, umas vezes por dinheiro, outras por diversão, inclusive por amor, deitaram com ela ao longo de mais de sete décadas, palpando e celebrando a boa saúde e fartura dessa filha das terras marajoaras.

A memória pode me falhar, mas creio recordá-la do outro lado de uma janela destruída de um prédio sem número, na mesma rua onde obtive as suas mais felizes vitórias. Lá estava ela, de cabelos brancos e crespos, sorriso fácil e convidativo, sem cerimônias, idosa, negra, subordinada à única forma que conheceu para ganhar a vida. Sem filhas, a avolumada musculatura que atravessou gerações como dádiva e malefício familiar, falecerá com ela, mas não totalmente. Morrerá apenas, e para sempre, quando os que a conheceram se esqueçam de lembrar; quando os bares deixem de contar sua história; quando a lenda seja encoberta pela descrença. Mas hoje, ainda hoje, enquanto há tempo, tenho certeza de que o mundo poderá desmoronar, a economia colapsar e as mais sólidas verdades cair por terra, mas o bumbum de Risoleta, aquele colosso do grande estado do Pará, esse, ninguém derruba.



Questão de sinos

São João del Rei-MG

ENQUANTO atravessava a RUA do CARMO, participei de uma ilustrativa e rápida conversa sobre os tesouros imateriais das antigas cidades setecentistas mineiras. A lista é longa e curiosa, carregada de detalhes simbólicos de um Brasil de costumes coloniais que resiste ao bolor do tempo e ao ambiente úmido e escuro do esquecimento. Fiquei sabendo, por exemplo, que existem ao menos 38 formas de tocar um sino e que há quem consiga reconhecer cada uma delas, e seus significados. Segundo ouvi, o cada vez mais raro badalar de um sino no alto de uma torre não anuncia apenas as horas, mas também nascimentos, mortes, rituais e celebrações populares e religiosas, quermesses, novenas, trezenas, visitas importantes. Achei por bem recomendar uma badalada especial para quando o dia está bonito, para chuva em tempo de seca, para o amor correspondido. Talvez uma batida festiva que anuncie o primeiro beijo. Um toque quando reconhecemos um erro, dois quando pedimos desculpas, três quando elas são aceitas. Badaladas para os que retornam para casa, para os que cuidam, para os que ensinam e para os que aprendem. Quem sabe uma chamada cúmplice e breve para avisar que está na hora de um pão de queijo mineiro.



Igreja São Francisco de Assis. São João del-Rei-MG

12



As curvas da vida

POUSO ALTO-MG

QUANDO O CAMINHO TEM MUITAS CURVAS, como nas terras altas da Mantiqueira, é natural ficar mareado. Quando a estrada é a vida, e os quilômetros, os anos, pode ser que as mesmas náuseas venham tanto pela sinuosidade do caminho como das desavenças e frustrações da existência. Vejo gente que anda como anestesiada para evitar o enjoo de viver uma vida de curvas fechadas, de ladeiras e precipícios, rendida diante de um mar de decisões. Para que tudo isso? Para que ficar desperto se é possível estar ausente, sem dor nem sofrimento? Uma vida em linha reta pode ser o desejo de muitos, porém são nas curvas e desvios, no balanço, no enjoo, e na incomodidade da jornada, que a verdadeira viagem inicia. Não são poucos os exemplos de pessoas que chamadas a assumir uma responsabilidade preferiram ficar anestesiadas e adormecer para não sofrer com a vertigem. Não são poucas as pessoas que preferem caminhar de olhos fechados para evitar a visão assustadora de uma realidade sem filtros. O encontro de caminhos onde se tocam os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, com seus planaltos, picos altos e maciços rochosos, são um espetáculo

estonteante para quem observa quieto, mas são também um desafio para quem neles se adentra destemido. Seria bom poder ver essa paisagem, ver o rosto feroz da estrada ziguezagueante, conhecer suas rugas, suas cicatrizes e compará-las com as nossas. Quem dera podermos estar acordados, ficarmos enjoados no caminho, porque só assim saberemos que estamos atentos para responder ao chamado da vida, de olhos bem abertos.

13



Eu, capiroto

Catas Altas-MG

Vejo a Serra do Caraça desde a escadaria da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Aquele perfil serrado da montanha está semicoberto por nuvens que vão mudando de desenho a todo instante. Parece que o céu está indeciso. Por vezes se apresenta luminoso, deixando o sol alcançar as pedras angulosas da praça central, mas também parece gostar de jogar com as sombras, escurecendo o ambiente, permitindo o frio descer como uma densa neblina até produzir arrepios. Imagino os mistérios dessa serra, seus habitantes guarás e a “Santa Ceia”, de mestre Ataíde, sobrevivente do incêndio que destruiu o Colégio do Caraça,

na parte alta. São as luzes e as sombras de Catas Altas e da impressionante Serra do Espinhaço que me inspiram a pensar na cidade alegre e na tenebrosa que vão se sucedendo, pendulares, em tão curto espaço de tempo. A mesma cidade é luz e é sombra. Faz sentido. Assim como o perfil cambiante dessa serra, penso que em algum lugar eu seria uma assombração. Em algum mundo o meu jeito de ser, minhas manias e pensamentos, estão mais próximos aos delírios infernais do que a luminosa pureza do anjo. Eu, comparado com a graça dos abençoados seres divinos, apenas alcanço a fazer sombra e frio. Distante deles em compaixão, em amor pleno e em caridade, a minha imagem entristece, minha boca fica muda, os meus olhos se fecham assustados pelo forte resplendor. Em um mundo mais perfeito seria excluído do banquete dos justos, visto pela vidraça que separa os seres tenebrosos e assustadores dos venturosos espíritos da luz. Em outro mundo, eu, capiroto. Mas, nesse imaginário hipotético, se o meu mundo hospedeiro fosse perverso e corrompido pelo desassossego e a desesperança, quem nele habitara me veria como um ser divino, coberto de brilho. Um pouco de otimismo seria a primavera para qualquer um que somente conhece o inverno e transita pelas sombras. Em outros mundos, capiroto, mas também anjo de luz. Como é possível? Dependendo de quem observe, poderemos ser anjos ou demônios, porque brilho e opacidade podem ser instáveis como o céu de Catas Altas, porque todo céu e todo inferno está no fundo da retina dos olhos de quem vê.



Praça Monsenhor Mendes e a Serra do Caraça, Catas Altas-MG





Por amor ou pela dor

São Bernardo do Campo-SP

Releio UM LIVRO de RUBEM ALVES no saguão de um prédio no centro da cidade. As pessoas com as quais esbarrei até chegar aqui, caminhei junto, vi passar, não pareciam felizes. Será que se fossem ostras, fantásticas ostras do asfalto, incomodadas pelo trânsito e pelas contas a pagar, só por isso, produziriam algo belo? “Ostra feliz não faz pérola” nos instiga a pensar que o ser humano –também– precisa da incomodidade de imaginários grãos de areia para seu crescimento.

Desde um pequeno sofá, uma rua como a Marechal Deodoro pode parecer um caudaloso rio. E se todas as ruas do centro fossem rios, as pessoas ostras e seus sofrimentos a fábrica dos seus tesouros? Será que alguém poderá questionar, em raro desborde de lucidez, se precisamos mesmo da aflição para produzir beleza? Até quando a violência para educar ou a liberdade refém do medo? Será possível trocar o grão de areia, agressivo e estranho, por estímulos capazes de provocar felicidade? Pode que uma ostra feliz não faça pérolas porque o gatilho para a criatividade e sua sobrevivência é a dor, mas uma pessoa feliz deveria, não apenas produzir pérolas, principalmente paz.



Capela da Santa Cruz. Monte Santo - BA



Uma casa para Bendegó

MONTE SANTO-BA

UM Meteorito caiu e foi descoberto em Monte Santo, na Bahia, em 1784, mas por ser um achado importante o Imperador ordenaria seu traslado até o Museu da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, em 1888. O asteroide já havia tentado ser removido, mas pelo peso a pedra despencara pelo leito seco do rio Bendegó e ali ficou até o dia do seu traslado, cem anos depois. Em substituição do original, foram confeccionadas algumas cópias. Uma delas, em gesso, ficaria na pequena Monte Santo, de maneira a lembrar aos moradores que foi nessa localidade que caiu o segundo maior meteorito do mundo. Também serviria para recordar que cidades pequenas devem se curvar diante de outras maiores e importantes, por serem consideradas periféricas e distantes, ou porque costumam ser vistas como desinteressantes e inseguras para abrigar tesouros. Mesmo assim, a pequena Monte Santo ergueu um museu para receber, guardar e expor a sua cópia em gesso. A centenas de quilômetros de distância, o Museu Imperial ardia, consumindo parte da história que muitos brasileiros desconhecem. Sorte que Bendegó sabia como se defender das altas temperaturas, infelizmente só ele.



Pela direita até Nhá Chica

Baependi-MG

Saindo da Rodovária da pequena Baependi, perguntei para um rapaz, na porta de uma lanchonete, a melhor forma de chegar ao santuário de Nhá Chica. Ele, prestativo, me levou até a rua e levantando o braço para sinalizar o caminho disse assim: “Vai reto até a praça e vire à direita”. Nesse momento, a mão do rapaz virou à esquerda. Interrompi verificando: “À esquerda?”. “Não”, retrucou. “Vire à direita e duas ruas mais abaixo vire à direita de novo”. Nessa hora a mão, o braço e o rosto do rapaz giraram juntos, à esquerda, harmonizados. Confuso, repeti a oração, me auxiliando com os braços e trocando esquerdas por direitas. “Reto até a praça, depois à direita, e dois quarteirões adiante à direita novamente”. “Isso mesmo”, confirmou meu gentil guia. Agradei pela ajuda e fui embora sabendo o caminho correto. Nhá Chica fez o milagre. O entendimento se forma para além das palavras porque, até mesmo, quando usadas na intenção de ajudar, podem atrapalhar sem uma completa tradução. Existem diferentes linguagens, e inclusive compreensão sem o uso de palavras, mas dificilmente encontraremos a rota certa na vida sem o esforço que demanda buscar entender o que os outros querem ou conseguem nos dizer, à sua maneira.



Sonhos claustrofóbicos

CaXAMBU-MG

A XUXA de CaXAMBU é UMA ÉGUA MARROM, de crina amarela, fácil de reconhecer nas ruas da cidade. A égua é dócil e puxa uma charrete rosa respondendo obediente ao comando do carroceiro. Xuxa trota indiferente à tarifa cobrada, à greve dos caminhoneiros e às preocupações com o fechamento do balneário e suas águas sulfurosas. Gosto de pensar que esse distanciamento da realidade é uma inconformidade que curiosamente compartilhamos o carroceiro, a égua e eu. Dentro de tantas possibilidades, este mundo produz claustrofobia. Ele é grande de menos e pequeno demais. Nele cabe muito, mas muito entra apertado. A natureza dos sonhos está em romper o confinamento. Está em se distanciar da realidade para poder criar outras realidades. Porque a terra está cansada de segurar tantos sonhos, de negar tantas vezes como nega. Porque todo sonho saudável detesta espaços fechados, se incomoda, necessita de ar para respirar. Porque todo sonho potente e atrevido precisa se sentir estrangeiro para encontrar sua identidade. Todo sonho bem sonhado é claustrofóbico.



Xuxa nas ruas de Caxambu-MG



Lições de portaria

SANTO ANDRÉ-SP

Hoje de tarde Me encontrei com Roberto. Havia conversado com ele em muitas oportunidades, mas dessa vez foi diferente. Diferente, pois há muitos anos não visito esta cidade, que foi onde o conheci e porque, dessa vez, fui ao encontro dele para ouvir o que tinha para contar. Roberto é um jovem ambicioso e sério que ao longo de onze anos foi o responsável de atender a portaria de um edifício residencial em Santo André. Para muitos, Roberto estava encapsulado na rotina asfixiante de abrir e fechar as portas do prédio. Era conhecido apenas como um autômato condicionado a uma operação mecânica de simples realização. O imaginário popular define os porteiros de prédios como indivíduos com pouca qualificação, de estratos mais baixos, sobre os quais é possível constatar um grande paradoxo: cabe a eles a segurança das casas de quem neles não confiam. Podemos dizer que são modernos Sãos Pedros, guardiões dos portões do céu, mas também cães Cérberos, apostos diante das grades do mundo subterrâneo. Mas por conta da falta de compressão de quem pouco entende, as portarias passam a se transformar em postos alfandegários e os

porteiros em burocratas em fim de carreira. Só que Roberto não é nada disso que os outros pensam que ele é, e o ofício não é, nem de perto, nem simples, nem ordinário, muito menos burocrático. Claro está que pode chegar a ser, mas Roberto fez questão em me explicar alguns pontos que o tornam merecedor do meu maior respeito. Porque ficar na portaria: 1. Desenvolve a habilidade de ler as pessoas, pelo semblante e pelos gestos, suas intenções e sua energia; 2. Treina a capacidade de atenção plena e a multitarefa, não há espaço para a falta de organização, pois devem atender o interfone, abrir as portas, ajudar com as compras, ouvir reclamações, consertar o portão e sorrir, tudo ao mesmo tempo; 3. Provoca a equanimidade, já que não lhes é permitido ficar nervosos, bravos ou efusivamente alegres; 4. Exercita a comunicação efetiva, pois é fato comprovado que o entendimento é caminho sinuoso, de trânsito difícil; 5. São mediadores de conflitos e agentes de negociação entre os moradores e a administração; 6. Desenvolve a paciência, a resiliência, a flexibilidade, a tolerância e o desapego; 7. São a primeira linha de defesa, a artilharia, sempre os responsáveis diretos e sempre os culpados até que se prove o contrário. 8. Conhecem da impermanência das coisas; vem moradores chegar e ir embora, mudar, nascer, casar, brigar, separar, reconciliar, ganhar e perder, inclusive morrer. Sabem que tudo passa, principalmente a estabilidade dos seus direitos e do seu trabalho; 9. Aprendem sobre hierarquia e sobre a necessidade que o ser humano tem de mandar e fazer

sentir sua autoridade sobre quem se apresenta mais fraco; 10. Registram o tempo com precisão, administram recados e correspondências, das simples às certificadas (mesmo de ex-moradores), administram o almoxarifado, zelam pelo ornato, são agentes da boa convivência; 11. É deles a tarefa de dar as piores notícias, as primeiras advertências, os avisos urgentes no elevador, avisos que, às vezes, delatam uma educação interrompida; 12. Desenvolvem o sentido do reconhecimento biométrico, sabem quem chega por primeira vez e quem está retornando; 13. Aprendem administração e gestão como se fossem prefeitos de uma minicidade; 14. Conhecem manias, guardam segredos, percebem desvios de comportamento, infidelidades ou corrupção; 15. Aprendem a distinguir o momento de falar ou de calar diante de um síndico ou de uma administradora, conhecem o seu tamanho e o seu lugar nessa hierarquia; 16. Sabem da gratidão, pois entendem da importância de chamar as pessoas pelo nome, da linguagem respeitosa, do valor de ouvir um obrigado ou receber um bom dia. Porque os porteiros são apenas o retrato de todos os trabalhadores que precisam chegar cedo de manhã, sair tarde pela noite, tomar transporte coletivo, morar longe, dormir e acordar como seres invisíveis, e sofrer com o preconceito de quem subestima seus trabalhos ou com o desconforto de saber que seus filhos na escola sentem injustificada vergonha. E assim como ocorre com outros ofícios, entender que embora façam muito, sempre será pouco, pois no Brasil o todo parece sempre insuficiente.



Vila Bastos. Santo André-SP



Vista da cidade desde a Igreja de São Pedro. Mariana-MG



Revolta e indignação

Mariana-MG

O ÔNIBUS CIRCULAR está demorado e não consigo seguir viagem. Ao parecer, problemas mecânicos na estrada entre Itabira e Barão de Cocais. Não há previsão de chegada em Mariana, mas alguns otimistas calculam algo em torno de quatro horas de espera. Ainda somos poucos na rodoviária, as pessoas vão chegando e com elas vai aumentando o rosário de conversas improvisadas e comentários de indignação e revolta, que pelo que consigo observar, não são a mesma coisa.

A jovem universitária, sentada à minha frente, aproveita a situação para socializar com uma feirante que presta atenção, educadamente. A jovem discorre sobre a situação insustentável do ensino superior e do valor irrisório, sem correção monetária, das bolsas de mestrado. “Bolsa de fome, vergonha!”, resmunga. A voz da jovem fica áspera, é raivosa, demonstra agressividade. A feirante, por sua vez parece desconhecer que a educação não acaba na festa de formatura e que o fato do Estado oferecer bolsas para seguir estudando não parece tão ruim assim. “Salário para estudar, mesmo que pequeno, eu também queria. Será assim em outros países?”, pergunta, sem ouvir resposta.

Perto daí uma mãe descontrolada aproveita para falar com um rapaz que brinca com o celular. Está inconformada pela baixa qualidade da merenda na escola da filha, a falta de sabor e o tempero artificial. Aproveita para reclamar que o calçado das crianças não combina com o uniforme de inverno, e que chegou atrasado. Dessa vez, alheio a problemas que não são seus, o jovem nem olha. Merenda e material escolar gratuito não tiram seu sono nem despertam seu interesse. “Vergonha!”, a universitária reaparece na conversa. Nesse momento tudo indica que quatro horas de espera podem ser uma impiedosa tortura. Desconsolado, alcanço a conversar com um senhor, ao meu lado, mais ponderado. Se apresenta como alguém que ama profundamente o Brasil e se define como indignado. “É natural que na medida que ganhamos direitos busquemos preservá-los e ampliá-los. Ninguém gosta de caminhar para atrás. Por que será que apenas quando a crise nos atinge frontalmente somos capazes de reagir, não com propostas, mas com revolta cega?”. A pergunta não é retórica. “Esquecemos das lutas que nos levaram ao desfrute das nossas conquistas e desconstruímos o demorado e delicado tecido de participação e diálogo aderindo a discursos violentos para expressar um descontentamento geralmente pessoal e egoísta”. Continuo ouvindo. “Sinal dessa revolta é a polarização e a ruptura do diálogo entre pensamentos diversos, o enfrentamento político dentro da família, a intolerância com o vizinho, com os amigos, a irreparável perda de

peças das quais gostávamos. É o maniqueísmo perigoso que reduz tudo a preto e branco. É a equivocada forma de pensar que considera que quem não está comigo, estão contra mim”. Ficamos em silêncio.

Posso concluir que a indignação, com reflexão, demanda altura, musculatura moral, visão de conjunto, cidadania. Pode resultar em um exercício construtivo, mobilizador que cutuca, incomoda, intriga, questiona e impulsiona. Trata-se de tender pontes e buscar caminhos, ou abri-los, quando não existem. A revolta, por outro lado, é emoção e descontrole. É raiva e frustração possuídas de paixão que decorrem dos golpes recebidos, dos prejuízos e perdas sofridas e de tudo aquilo que deixamos de ganhar. Pode ser sutil, mas a diferença vai além da retórica ou do simbolismo de perceber que alguém roubou o nosso queijo.

20



Faça chuva ou faça sol

São Lourenço-MG

Recorremos à Fotografia à falta de uma memória fiável, que preserve, ou pela imprecisão das palavras aprendidas, que descrevam. Se bem que o sabor

carbonatado das águas de São Lourenço ou a frescura da pele depois de um banho sulfuroso não podem ser capturados pelo obturador, imagens servem para evocar lembranças. Dependerá em que gaveta emocional se encontre a recordação para que a fotografia faça o resto: saudade, riso, lágrimas de tristeza ou alegria.

Só que uma foto pode ser muito mais do que uma foto. Podemos estar no lugar correto, no ângulo certo, com a composição adequada de pessoas, protagonistas e figurantes. Podemos ter o equipamento apropriado e a devida formação, sensibilidade e disposição para capturar a melhor imagem, a foto mais elaborada e a mais próxima da realidade. No entanto, a foto será diferente se tirada de manhã, à tarde ou à noite, com incidência de sol e luminosidade direta, sombra ou penumbra. Será diferente se está nublado, na garoa, na chuva, do meio de um temporal. O clima ou mesmo o horário do nosso encontro com o objeto fotografado são variáveis que podemos prever, mas dificilmente saberemos controlar totalmente. Assim como na fotografia, na vida ocorre o mesmo fenômeno. Estamos longe de dominar as múltiplas características que definem sua essência. Viver também tem muito de intuitivo, há uma naturalidade inata que nos faz pensar que a dominamos, talvez consigamos observar seus pequenos sinais sem, contudo, conhecer seus significados. No mais, apenas seremos capazes de contar com a sorte ou o destino para aproveitar a luz do sol para crescer e crescer, ou a chuva fina para florir e florir.



CENTRO
HIDROTERÁPICO
BALNEÁRIO

Parque das Águas, São Lourenço-MG





A mais feia

POÇOS DE CALDAS-MG

EPAMINONDAS, COMO OUTROS MUITOS EPAMINONDAS
nessa terra de Deus, gosta de ser chamado simplesmente de Epa. O conheci no mercado municipal de Poços de Caldas degustando queijos e bebendo suco de uva. Era um homem educado, amadurecido e franzino, desprovido do tipo de beleza física tão demandada, como sobrestimada, nos tempos atuais. De jovem pôde ter sido mais confiante, mas nessa altura da vida parecia retraído, algo tímido. Mesmo assim, foi simpático e fácil de conversar. Havia nas palavras que usava sabedoria popular e um quê de tragédia grega, atributo que veio com o nome, mas que deve ter consolidado ao longo da vida. Me contaram que dom Epa não tinha filhos nem família conhecida. Havia sido infeliz no matrimônio, fato antigo que acontecera ainda jovem fruto de um amor fulminante da adolescência. Sem as habilidades necessárias e carregando mágoa no coração foi perdendo as chances de voltar a se relacionar, de lutar mais uma vez, de insistir e buscar ser feliz. Em vez disso, trocou o sol da praça pela luz vermelha do inferninho, o suco de frutas pelo licor, o cumprimento na rua por um cheiro no pescoço. Dom Epa, como outros,

quis descomplicar o que para ele era complexo e foi procurar afeto onde não tem afeto, mas algo bastante inferior, que quanto mais caro fica mais fingido e parecido ao sentimento procurado. Com dinheiro era possível alugar beleza, juventude, firmeza, mas principalmente carinho e com algo de imaginação, talvez amor. Foi assim até o dia em que viu no semblante da bela garota da vez um gesto de asco e nojo, repulsão pelo seu corpo flácido, pela decrepitude, pelas marcas do tempo na pele, pelos lábios finos e o beijo seco, por tudo que ele era. “Nojo de mim, meu Deus”, teria dito. Como se os olhos da jovem fossem seus próprios olhos assustados com sua imagem revelada, porque a idade que carregamos chega primeiro em quem nos vê. Triste Epaminondas, que não pensava merecer tamanha reação de um corpo tão fresco e bonito. Triste Epaminondas, que envergonhado deixou de frequentar bataclanes lutando por apagar da memória tanta rejeição. Quando o conheci, os sucessos já haviam se perdido no tempo. Contam, no entanto, que dom Epa continua assíduo ao felpudo carmesim e às sobrelojas onde se comercializa o amor. Só que ao parecer sua insistente procura por afeto e companhia tem agora novas exigências, irrenunciáveis para fechar negócio. Dom Epa não aceita, nem juventude, nem beleza. Nenhum atributo físico que eleve o contraste entre uma pele e outra. Prefere meretrizes rejeitadas, esquecidas, qualquer mulher que como ele carregue tristeza e vergonha, algo para compartilhar, coisa pouca que lhe faça sentir que não está sozinho no mundo.



Bom Dia em Tejuco de



O bom dia do interior

DOMINGOS MARTINS-ES

EXISTE UM pouco de preconceito na aparente cordialidade do povo do interior. Embora o tempo estivesse frio, fiquei encantado pelo ar fresco das montanhas capixabas, pela exuberante pedra Azul e pelos repetidos "bons dias" no ir e vir nas ruas de Domingos Martins. Observei que, embora seja uma gentileza quase perdida em cidades maiores e populosas, lançar um primeiro olhar e depois uma saudação ajuda também a quebrar o incômodo silêncio que surge quando duas pessoas se cruzam no caminho. Em cidades menores, onde a calma é a norma e as aglomerações são difíceis de ocorrer, o vazio causa estranhamento. Dois peregrinos, ao interceptar seus caminhos, não poderiam passar indiferentes sem ao menos perguntar o estado da estrada, fazer advertências ou apenas desejar boa jornada com um aceno. O silêncio é cáustico e precisa ser quebrado, por educação, mas não necessariamente. Ele é um engenhoso gesto de defesa. Por trás dessa aparente cordialidade pode estar instalada a desconfiança. Quem desconfia pode optar por enfrentar o desconhecido e desarmar os outros com simples palavras. Dizer "bom dia" também é uma forma de dizer "estou

atento", "estou vendo você", "permito o contato porque ao te conhecer também me protejo". Talvez uma expressão mais evidente do fenômeno da desconfiança está em perguntar "filho de quem é?", como forma de levantar a procedência e a índole associados a um sobrenome, alguns deles proscritos. O crivo da avaliação familiar abre e fecha portas em cidades pequenas, pode inclusive proibir namoros e condenar gerações ao desamor ou ao enfrentamento. Claro que tudo isso é mais complexo do que dizer "bom dia" e seguramente mais difícil de administrar. Ocorre que, às vezes, uma saudação é apenas isso, sem segundas intenções.

23



Para quem gosta de borboletas

Barreiras-BA

QUANTOS INSETOS gigantes tenho visto em Barreiras! Dirão o mesmo de nós? Quem gosta de borboletas precisa tolerar as lagartas. As lagartas, que comem as folhas das nossas árvores e se penduram acrobáticas e sem beleza entre os galhos, são as mesmas que enfeitarão coloridas os jardins das nossas casas, trarão movimento e renovação no bater das suas asas. Quem gosta de borboletas não pode matar as lagartas.

MENS QUE CONSTRU



A zulejos "Homens que construíram essa cidade" (1968) de Rávio Pretti. Memorial do Rio Tietê. Salto-SP

IRAM ESTA CIDADE





Como era no princípio

SALTO-SP

QUEM CONSTRUIU AFINAL ESSE PAÍS? E QUEM ACABARÁ COM ELE? Começar tudo de novo como era no princípio, esse deve ser o caminho melhor e mais curto para lograr um mundo ideal e mais bonito. Será? Nesse jardim do Éden brasileiro, os novos pais da humanidade, Crazy lady e Robert Clayson, teriam a chance de consertar as coisas e responder à confiança depositada neles. Dessa vez, a mulher seria criada primeiro, e do seu costado surgiria ele, seu companheiro. Ambos reinariam sobre a terra e suas criaturas, sobre as profundezas do mar e sobre o céu infinito. A humanidade ganharia mais uma oportunidade e, assim sendo, poderá prosperar em paz sem o acúmulo dos sucessivos erros herdados que foram, ao longo da trajetória humana, justificativas de novos erros cometidos. Mas depois de dois minutos a máxima *lanpedusiana*, de tudo precisar mudar para tudo continuar igual, me leva a pensar que talvez colocar expectativas tão altas faz parte de um desejo por mudança, que não é necessariamente a mudança. Os novos Adão e Eva brasileiros comeriam da tapioca proibida e antes de chegar ao queijo seriam

expulsos do paraíso por pecadores. Seus filhos, Pacífico e Generoso, se matariam a pedradas, e a humanidade voltaria a caminhar por uma noite longa e escura, mas o suficientemente fértil como para dar sustento à vida, que encontra sempre um caminho, e dela geminar beleza por entre a podridão. Perdidos, envergonhados e sem memória do mundo que fora antes desse, a história se transformaria em lenda e a lenda em fé. Quem sabe, no meio desse grupo de homens e mulheres surja, entre os inconformados e os sábios, a ideia redentora de arrancar o mal pela raiz e começar tudo de novo, mais uma vez. Talvez um novo princípio poderá ser a melhor saída para acabar com os problemas ingovernáveis dessa humanidade, exterminar a corrupção, quem sabe aprovar a reforma política.

Nas cartilhas de fé, escritas e sacramentadas, o parágrafo do apocalipse da conta de um novo amanhecer, melhor e mais bonito, tal qual havia sido o objetivo primeiro já ensaiado e fracassado com Adão e Eva, e tantas vezes antes com outros pais da humanidade cujos nomes se perderam, e tantas vezes depois de nossos novos heróis Crazy lady e Robert Clayson. Quem sabe, algum profeta iluminado em algum tempo derradeiro poderá gritar em profecias que o fim do conhecido não garante um melhor por conhecer, que aquela é história repetida, fadada a dar errado, porque a questão pode não estar no fato de começar de novo, mas de mudar, e para mudar não precisamos de extermínios, apenas um pouco de fé na humanidade e mais amor pelo Brasil.



O universo na palma da mão

Bragança Paulista-SP

Para Borges todos os lugares da terra estão no
ALÉPH. Lá estão, concentrados num único ponto e vistos desde todos os ângulos, toda a sabedoria, todo o entendimento, todas as luzes e as sombras da experiência. Para ele, e desde agora para mim, todas as múltiplas e infinitas dimensões da existência humana podem estar representadas na essência de cada uma das pequenas partes pelas que está constituído o todo. Essa é a lógica que sustenta a origem dos fractais e a matemática pela qual a natureza reproduz a criação: o macro como uma elegante repetição do micro, e o micro como o genoma gerador de tudo que existe. Talvez a nossa mente, porosa para o esquecimento e corroída pela erosão que os anos provocam, é responsável pela dificuldade em reconhecer os milagres que ocorrem na nossa vida cotidiana. Assim, o mundo dos sonhos, habitualmente relegado somente ao plano da fantasia, pode transcender ao tempo da vigília e, se estamos atentos, ver que o universo cabe na pétala de um jasmim e que um único momento, apenas, pode valer por toda uma vida.

26



Metamorfose

CACHOEIRA-BA

Tudo pode Mudar de repente. O branco virar preto, a luz escuridão, o final virar começo, o amor, desamor. Foi assim que aconteceu uma tarde de junho em Cachoeira, às margens do rio Paraguaçu. Era quase meio dia e as ruas estavam quentes e sem sombra nessa parte da cidade, perto do convento. Parei para secar o suor em frente a um sobrado antigo de portas abertas. Nesse momento, desatento, não percebi que era uma vendinha nem que havia uma senhora sentada aproveitando um canto de sombra fresca sob uma aba do telhado. O movimento natural foi entrar, convidado pelo frescor e inspirado por uma lousa escrita a giz, algo do tipo “vende-se gelinho de frutas”. Dentre elas, cajarana, umbu, jaca, cacau e cupuaçu. Sem mediar palavras a vendedora trouxe um gelinho gigante de cajá-manga por 70 centavos de real. Paguei com uma nota de R\$5, detalhe que marca o início deste relato, pois é nesse momento que a história começa. E começa com o troco. Na verdade, com a falta dele, pois não havendo moedas disponíveis e não aceitando pagamento maior, a gentil senhora preferiu me dar o benefício de honrar a dívida quando eu voltasse a passar pela cidade, o

que significaria talvez não pagar ou levar a pendura para um tempo distante no futuro. Quanta generosidade, pensei, mas não seria correto. Por isso prometi retornar depois de trocar o dinheiro, saldaria a dívida e possivelmente compraria outro gelinho. Gentileza por gentileza.

Caminhei pelas ruas da antiga Cachoeira refletindo no valor da confiança e no poder que exerce quando é oferecida desinteressadamente. E caminhei meio anestesiado pelo calor e meio invadido por aquela singela gentileza que vindo de uma nobre vendedora de gelinhos deixava Cachoeira resplandecente. O caminho à beira rio, as árvores frondosas na praça e os sobrados históricos compunham um ambiente resgatado de outros tempos. Não havia muitas opções para o troco, talvez alguns restaurantes que era melhor evitar por se tratar de pequena quantidade. Nesse caminhar, passei várias vezes pelas mesmas ruas. Passei perto de uma moça colorida que, numa esquina ensolarada, dançava como se o mundo fosse feito de música, e desfrutava do sol tirando *selfies*. Passei em frente de um bar regional, de portas abertas, convidativas, com as luzes e desenhos do recôncavo e com o som alegre e agudo do Nordeste. Passei por entre um grupo de amigos que celebravam cantando e bebendo suas alegrias, conversando alto, planejando a vida. Passei tantas vezes pelos mesmos casarões e suas históricas esquinas, um pouco distraído e cansado, um pouco querendo ainda encontrar alguém para trocar aquela pequena e gigante nota de R\$5. Tantas vezes repetindo ruas até que, de tanto passar pelos mesmos

lugares, reencontrei aquela alegre e colorida moça das *selfies*, que me perguntou, curiosa, como querendo ajudar:

–Tá perdido, tá?

–Quer buceta?

Foi o momento da metamorfose. Exatamente o momento em que os olhos se abrem e observam e percebem além das miragens fabricadas. Nessa hora, a ilusão cedeu passagem à realidade. A jovem moça colorida das *selfies* virou prostituta, o alegre bar regional se transformou em bordel, os amigos celebrando a vida se apresentaram com suas reais intenções, como homens perigosos de olhar desconfiado e desafiante. Aquela bucólica região perto do rio se decompôs angulosa como suas estreitas ruas de pedra, descortinando a parte mais escura e violenta da cidade. Céu e inferno coexistindo, Deus e Diabo, entreverados, na terra do sol. Meia hora depois, já com o troco em mãos e entregando o dinheiro do gelinho para a gentil senhora, olharíamos juntos desde o meio fio da calçada para aquele outro lado da rua, no final do quarteirão, perto do rio. Segundo ela, aquela região carrega escuridão e não vale a pena.

Penso que toda cidade projeta uma sombra na qual oculta seu rosto mais duro, se esconde dela mesma, acomoda e dá abrigo a seus seres mais sofridos. Quem me dera poder transitar por entre as trevas com o mesmo encantamento que me fez ver luz e cor onde outros vem escuridão e desamparo, ver o melhor lado das pessoas e o perfil mais gentil da pior parte da cidade.

Cachoeira brilha, eu vi.



Centro Histórico, Cachoeira-BA





Estátua de Antônio Conselheiro e Represa de Cocoboró. Canudos -BA



Conversa de poeta

CANUDOS-BA

LI NUM recorte antigo de jornal que, perguntados sobre as duas Canudos históricas que desapareceriam — a do Antônio Conselheiro e a dos sobreviventes do massacre— alguns funcionários do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca respondiam: "Isso é conversa de poeta", e complementavam dizendo que essa região precisa de água, não de história. Os moradores da Canudos submersa pelas águas do rio Vaza-Barris em 1969 saíram em processão carregando a imagem do padroeiro Santo Antônio, e foram para a Vila de Cocorobó, hoje conhecida como a Canudos moderna, esperando uma providência do santo, um milagre se possível que impedisse a remoção. Não seria dessa vez. Anos depois, em 1982, as obras da Hidroelétrica de Itaipu silenciariam o Salto de Sete Quedas, à época, a maior cachoeira do mundo. Aquela maravilha morreu durante a ditadura e ninguém foi capaz de fazer nada, talvez porque a poesia, da forma como ela é vista, não serve para iluminar cidades nem para ligar motores. Sem nenhum remorso ou culpa confessada, bastou dizer como epitáfio: "Assumimos a responsabilidade! Estamos construindo um Brasil grande!"





Como morrer um pouco a cada dia

Crato-CE

ENCONTRE A DONA GRAÇA POR ACASO. Eu procurava informações sobre como chegar até o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e ela apareceu solícita. Deixou seu posto de vendas de bebidas, me segurou pelo braço e me levou para falar com alguns motoristas de pau de arara que dormitavam próximos esperando freguesia. “Faço por você, mas faço pela minha filha também”, disse. “Espero que alguém, que talvez ela não conheça, a ajude a voltar para casa”.

Dona Graça tem uma única filha chamada Gabriele. A jovem saiu de Crato de mãos dadas, apaixonada por um italiano de Torino, com quem teve uma filha anos mais tarde. O matrimônio não foi bem e se separaram. A criança ficou na disputa, mas logo o pai assumiu a guarda. Sozinha e sem dinheiro Gabriele se transformou em meretriz e vive cativa nas redes de prostituição do norte da Itália.

Dona Graça se emociona desde seu posto de bebidas. Me oferece um copo com água. É gentil comigo. “Gostaria que alguém fosse gentil com Gabriele”, repete várias vezes. Ela fica emocionada enquanto me dá conselhos sobre como ser feliz com pouco, como resistir e ser valente, como viver quando se morre de saudades um pouco cada dia.



Arrogância de forasteiro

Jeremoabo-BA

A arrogância do Forasteiro começa quando ele pensa que está chegando numa terra selvagem e que apenas por conta disso merece os elogios dos outros por considerar-se um desbravador, um aventureiro, um valente em região hostil. Será que não percebe que nessas terras baldias vive gente? E que nesse solo seco e rachado se sucedem a cada instante milhares de histórias de suor, lágrimas, mas também de perseverança e amor? Quantos heróis anônimos viveram somente com o privilégio e riqueza de ter sobre eles um dos céus mais bonitos do mundo, e morreram, como muitos, sem ninguém guardar seus nomes nem recordar seus legados. Esse solo que o forasteiro desatento considera agreste, e apenas por estar ali já sente que a sua jornada é digna de elogios entre os amigos, é local de gente preciosa. Esses sim, valentes e dignos de admiração, bravos sobreviventes do dia a dia, cavaleiros merecedores do nosso maior respeito. O certo seria dizer: "É um privilégio estar aqui". O certo seria colocar a enxada no ombro, levantar o olhar até os limites do horizonte e, aproveitando essa vista, se reconciliar com o Brasil para quem sabe um dia chegar a merecê-lo.



Capela do Cavaleiro. Alto da Serra ou Santa Cruz do Monte Calvario. Jeremoabo - BA



Santuário do Bom Jesus da Lapa e da Mãe da Soledade. Bom Jesus da Lapa-BA



Só estou aqui para agradecer

BOM JESUS da Lapa-BA

EM ROMARIA apenas agradeço. Sempre recebi mais do que peço. Recebo tudo que necessito e obtenho tudo que preciso, mesmo que não seja exatamente o que desejo. Recebo tanto que para quem não sabe rezar é muito. Recebo mesmo sem ter pedido. Por isso, em romaria apenas agradeço. Agradeço por receber até mesmo quando me negam, porque negar é uma forma de dar, talvez a mais instrutiva e a que demanda mais amor. Somos forjados não apenas pelas coisas que o mundo nos deu, mas principalmente por tudo que nos negou. Por isso apenas agradeço. Andar pelo mundo com infinitas mães, infinitos pais, caminhando por entre irmãs e irmãos afetuosos e atentos. Como não agradecer?

E por causa de não saber pedir sinto admiração por quem sabe. E em espaços de oração, ouço com respeito, sem querer, mas também com curiosidade as bem elaboradas frases de quem pede. Porque quem sabe pedir usa de palavras apropriadas, conhece tom e cadência, ajusta a linguagem, regula os acentos até encontrar a sintonia sagrada. E ao que parece, pedir implica às vezes negociar, porque receber uma bênção pode estar além da gratidão.

Poderá vir com uma pitada de judiação –perguntem a Santo Antônio– ou vinculado a um sacrifício proporcional equivalente. E conforme a graça seja alcançada veremos que a palavra empenhada na hora da angustia se transforma em romaria, em velas, círios e ex-votos, em compromisso inadiável que só um pagador de promessas saberá entender. Havendo tantos que sabem pedir, encontrei no santuário do Bom Jesus da Lapa uma mulher que não sabia. Estava em pé, olhando fixamente um Cristo de madeira. Apertava com as mãos o tecido do vestido na altura do peito e suspirava deixando escapar um: “Não sei como dizer, não sei”. E repetia angustiada: “Vim até aqui para fazer a oração mais bonita, mas não sei como dizer”. Lembrei de Elis Regina cantando “Romaria” e imaginei a dificuldade que significa expressar com palavras a complexidade dos mundos que coexistem dentro e fora de nós. Tanta gente destreinada no uso de certos códigos que consigam traduzir o que a mente constrói e o ânimo sente. Tanta insegurança sobre o “como dizer” que alguns ficam sem saber o que fazer, não porque preferam o nobre silêncio da preze ao efusivo bater no peito de quem chegou até aqui em romaria e não recorda as palavras ensaiadas, mas porque simplesmente “não saber dizer” também é uma forma de oração. Por isso, em romaria apenas agradeço. Quem sabe um dia possa encontrar mais pessoas com quem compartilhar apenas a gratidão e com as quais repetir que eu também sou caipira Pirapora e “como eu não sei rezar só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar”.



Ex-votos no interior do Santuário. Bom Jesus da Lapa-BA



Rio São Francisco. Juazeiro-BA / Petrolina-PE



Minha mainha sou eu

JUZEIRO-BA

AS MÃES DA BAHIA CHAMAM SEUS FILHOS DE MAINHA.

Os filhos da Bahia chamam suas mães de mainha. “Mainha, venha com mainha!” Igual acontece com os pais. “Painho, venha com painho!” É curioso o uso do mesmo nome entre quem chama e é chamado. Para além das várias interpretações que possam caber, tudo isso me resulta carinhoso, melodioso e bonito de se ouvir, principalmente quando a entonação e o ritmo do falar nos dizem que estamos no nordeste do Brasil.

Na cidade de Canudos, na quermesse de Santo Antônio; no recôncavo, na praia de Monte Cristo em Saubara; e na margem baiana do rio São Francisco, em Juazeiro, ouvi várias vezes, em tom de voz limpo ou abafado pelo som do acordeão e da zabumba, a palavra “mainha”, e também a palavra “galega”, que sempre na intenção de manifestar carinho se disse de alguém de pele ou cabelo mais claro. Há mainhas galegas e mainhas galegos.

Nessa terra sem fim, na qual cabe tanto carinho, até a forma de dizer se repete, como se todos fossemos apenas um, vivendo vidas diferentes, sob um mesmo sol, desde uma única, longa e fértil história compartilhada.



Diferentes formas para dizer o mesmo

LENÇÓIS-BA

QUANDO UMA VIAGEM está por **TERMINAR** ou um projeto prestes a ser encerrado, o ponto de chegada não é necessariamente o final. Toda conclusão carrega a semente de uma sequela; em cada margem da estrada, a opção de avançar mais um metro e dar mais um passo. É tema para refletir, pois tudo que começa, em algum momento termina. Contudo, sempre é possível dar mais uma pincelada de cor na tela, agregar mais uma palavra no texto, alongar uma situação, indefinidamente. A distinção entre começo e final, partida e chegada, nascimento e morte, às vezes é difusa. Na Chapada Diamantina, no alto de suas serras de arenitos e calcários, a lógica da continuidade é mais evidente, pois no coração da montanha também se forjam os grillhões que amarram o tempo e que apagam as fronteiras antes bem delimitadas entre o primeiro e o último passo. Por isso, há situações que longe de acabar apenas continuam. Penso que as obras da nossa vida, embora diversas, sejam somente maneiras distintas de dizer as mesmas coisas. Porque, olhando com cuidado, o grande tema que nos movimenta é único, não importa se aparece e reaparece fantasiado, fingindo ser sempre outro.



O coração da montanha. Morro de Pai-Inácio, Chapada Diamantina, Lençóis-BA





Lampião está vivo

Serra Talhada-PE

O tema é controverso e não saberia dizer quem diz a verdade e quem mente. Fiquei sabendo que o capitão Virgulino, o Lampião, está vivo e soube envelhecer com saúde e boa memória. Sem esquecer uma “vírgula” dos tempos do cangaço, aprendeu a relevar as ofensas recebidas, os golpes traiçoeiros e as mentiras que a imprensa daquela época publicara sobre ele, que não eram poucas. Nem deus nem demônio, apenas um homem do sertão, sabido, ambicioso e diligente, que soube escapar da armadilha de Angico para reconstruir sua vida em Goiás, outros dizem em Minas, e desde este ponto a história desanda. Se em Goiás, Lampião administra um posto de gasolina da Petrobrás. Se em Minas, se dedica a criar gado e a produzir queijo. Tampouco fica claro se Maria Bonita está com ele. Alguns dizem que sim, outros colocam em dúvida que o amor tenha durado tanto e estariam separados. Contam que certa feita, há pouco tempo disso, apareceu na cidade um tal de Ezequiel, o “Ponto Fino”, irmão de Lampião, tido como morto pela *volante* na região de Paulo Afonso. Nada disso, Ezequiel estava vivo. Gostava de cachaça e de comprar fiado. Fez muitos amigos nos bares

e dizem que, em noite longa de bebedeira, chegou a revelar que Lampião estava vivo e que depositava regularmente dinheiro na poupança do irmão para cobrir seus gastos. É melhor não fazer contas e reconhecer que a realidade falece diante da imaginação. Acontece que a história do massacre da Grota de Angico —que segundo outros acabou com a era do cangaço pela morte dos onze cangaceiros do bando, incluindo Lampião e Maria Bonita— possui diferentes versões, dentre elas a que abre a possibilidade de um milagroso escape. No dia da apresentação das cabeças decepadas na escadaria da prefeitura de Piranhas, havia gente que mesmo vendo o líder morto afirmava que aquele não era Lampião, que estavam diante de uma grande farsa, uma mentira igual ou maior à inventada quando disseram que Sepé das Missões, líder da resistência guarani, morrera a bala como humano, ou que Antônio Conselheiro, místico rebelde, havia morrido sem glória em Canudos. Como poderia ser isso possível, se havia quem afirmasse ter visto o indígena e o profeta se elevando no ar, subindo ao céu como santos? Testemunhas da época de Conselheiro teriam contado detalhes daquele maravilhoso momento, inclusive a última profecia que o líder revelara aos seguidores, um pouco antes de ser vestido por um manto de nuvens e desaparecer carregado por uma corte de anjos. Teria dito, irônico, aos impressionados sertanejos que assistiram o milagre, que por conhecer a pequenez da alma humana seguramente ninguém iria “acreditar” neles.



Não, obrigado

Feira de Santana-BA

ACONTECEU NO MERCADO DE ARTES POPULARES, em Feira de Santana. Era cerca de meio-dia e havia decidido experimentar uma porção de macaxeira cozida com farofa de cuscuz. Escolhi o lugar, sentei e fiz o pedido. Quando o prato chegou, na mesma hora, aproximou-se imponente uma mulher, ao parecer cigana, que em atitude algo rude pedia compartilhar a refeição. O tom da voz era desafiante, não se extraviava com palavras educadas. Era evidente que não queria perder tempo, por isso foi tão direta. “Me dê sua merenda, ou me pague uma”, falou ameaçadora. Demorei em reagir por causa do inesperado da situação, mas consegui responder: “Não, obrigado”. O pedido se repetiu mais uma vez, e mais uma vez eu negava, e logo agradecia. Alternava palavras e formava frases simples querendo mostrar naturalidade e a remota possibilidade de talvez dizer sim em outro momento, mas por causa do incômodo e da aspereza com que era feito o pedido terminava a frase com um “não, obrigado”. Minutos depois, a jovem cigana perdeu a paciência e foi embora. Quando fiquei só e tive a lucidez para pensar melhor entendi que dizer obrigado fazia todo sentido. Aquela

mulher estava me dando algo e eu inconscientemente agradecia. Não era eu quem daria uma merenda. Não era eu o doador e ela a beneficiada. Era ela, pelo contrário, quem estava me dando a oportunidade de compartilhar e eu, inconscientemente, agradecia. Nessa hora entendi uma passagem do Buda, no templo de Borobudur, que anos atrás havia me impressionado muito. Uma pequena e gráfica história, gravada em pedra antiga, de um homem rico dando comida a um homem pobre. Um de pé e o outro sentado. “Nesta cena, quem dá e quem recebe?”, perguntou o Buda aos seus discípulos. Era justamente a mesma situação que encontrei em Feira. O homem pobre dava e o homem rico recebia. O homem rico recebia a oportunidade de poder servir, recebia a chance de ser generoso, recebia a possibilidade de ser melhor.

35



Tenho sotaque, meu rei

PAULO AFONSO-BA

PROTEGIDAS DO SOL por largas e irregulares sombras de mangueiras centenárias, duas jovens da cidade conversam de maneira descontraída. Uma delas relata,

para a outra, detalhes de uma recente viagem para o Rio de Janeiro. A amiga presta atenção fascinada imaginando ser ela a próxima em viver tal experiência pelo Sudeste. A conversa decorre naturalmente até entrar no tema do sotaque baiano em Paulo Afonso que, para alívio de uma delas, não era tão carregado. Foi um comentário que não foi compartilhado e provocou um pequeno desacordo. Certamente não é comum ouvir alguém reconhecer que a sua forma de falar tem tons e cadências que não estão no padrão. Normalmente são os outros que têm sotaque, não somos nós, a menos que estejamos longe de casa, tenhamos outra origem, sejamos minoria e aceitemos que falamos diferente. Um francês poderá ter sotaque falando português no Brasil, mas só terá sotaque na França, falando sua própria língua, se estiver em uma localidade que não é a sua e onde se fala com acento diferenciado. Mas estando na sua região, no centro da sua cidade, no meio do seu povo, entre seus pares, que falam e utilizam palavras e estruturas similares, será estranho escutar dele desdenhar a própria pronúncia. Nada demais. Essa é a parte divertida da língua, a diversidade e a música que produzimos ao falar. No entanto, ouvir uma baiana de Paulo Afonso dizer no coração da sua cidade, no lindo parque das Mangueiras, que tem sotaque em relação ao português carioca é desconsiderar onde ela está nesse momento, e se instalar desnecessariamente em algum lugar periférico, longe daquele que por direito tem na diversidade de acentos, todos centrais, todos corretos e profundamente belos do português do Brasil.



O touro e a sucuri. Paulo Afonso-BA



Estranhos na foto

Laguna-SC

CUSTA IMAGINAR que a cidade de ANITA GARIBALDI, de ambiente bucólico e sossegado, praiana e fotogênica, tenha sido palco de injúrias e enfrentamentos tão violentos como os sofridos durante a guerra farroupilha. Brutalidade que viu surgir, a contragosto, grandes amores improváveis, renovadas promessas de justiça e esperançosos e efêmeros sonhos de liberdade. Quem caminha por Laguna, sabe que é difícil ignorar as vozes que contam de quando renegou do Império para ser a capital da República Juliana, sufocada e depois extinta, mas dificilmente esquecida. Para um povo acostumando a fortes ventos, que entrevera e dispersa pensamentos, as recordações não de ser bem guardadas. Para o turista, contudo, delegar o registro apenas à memória, tão seletiva como inconfiável, é perigoso. Resulta melhor, para capturar de forma vibrante a experiência, recorrer à fotografia. E cabe aqui decidir se esperamos que o distraído senhor trajando desbotado moletom bege saia do enquadramento da nossa lente, ou não. Sucede muito quando estamos na rua e é justamente nessa hora, em que a participação involuntária de estranhos nas nossas fotos é quase irremediável, que uma simples fotografia seja isso,

somente, ou possa chegar a ser o retrato da vida como ela é. Assim sendo, desconhecidos poderão transformar seu anonimato em nobreza e sua impessoal presença em protagonismo. Isso acontece quando o fotógrafo procura o registro da cotidianidade, e as paisagens, os lugares, e as pessoas e suas rotinas, formam uma unidade plástica que não deve ser separada. Ocorre que essas pessoas, as mesmas que passam e param subitamente diante da nossa lente e que eventualmente enriquecem nossas imagens, podem igualmente estar em posições menos nobres: coçando, escarvando, cutucando, espremendo, entre outras possíveis de quebrar um bom clima. É curioso que quem dá valor ou empobrece uma fotografia pode ser a mesma pessoa. Daí que a distância entre um herói e um vilão seja a distância entre uma lente e seu objetivo; está mais nos olhos de quem vê, de como vê e de como interpreta o que é visto. Dependerá também do momento e do contexto, tal e como ocorre na vida mesma, pois há ocasiões nas quais pessoas, suas rotinas e a luta diária, seus valores e representações, embora interessantes e dignas de um registro, perdem espaço e são deixadas de fora do nosso enquadramento, como se fosse uma pausa nesse "estar" na vida dos outros e vice-versa. Naquele instante de intimidade, verificamos que não cabe ninguém na foto. Ninguém que não tenha sido convidado. E fica a pergunta: Quantos álbuns de fotografias poderiam ser montados com as fotos nas quais sem querer aparecemos? De quantas alheias recordações fazemos parte, sem saber? Em quantas vidas entramos, sem ser chamados?





Morro do Forte, Juazeiro do Norte - CE



O inventor inconformado

Juazeiro do Norte-CE

O radialista tomou a iniciativa e veio falar comigo. Foi o início de uma longa conversa sobre costumes e religiosidade, interrompida por uma pausa inesperada. Ao ver a minha máquina fotográfica, o extrovertido comunicador ficou visivelmente incomodado. Para explicar sua reação, precisou voltar dez anos no tempo e rememorar um incômodo acontecimento. O relato começa com o dia da visita do irmão mais novo, vindo das Alagoas. Por ser um evento especial, os irmãos decidiram visitar a estátua do Padre Cicero, que é destino obrigatório para quem visita por primeira vez a cidade, tanto como para quem a casa torna, depois de longa ausência. Pensaram que um passeio pelo Horto valeria algumas bênçãos, sempre necessárias, em meio a tanta tribulação, como também renderia uma bela vista da região do Cariri. No meio do passeio, o radialista teve um *insight* que segundo ele foi inspiração direta do *padim*. Chegou a sentir medo pelo descobrimento, mas foi valente e seguiu adiante. Ele percebera que, dependendo da posição e aproveitando as diversas perspectivas, era possível tirar fotos especiais. Ainda invadido por esse sentimento de predestinação,

pediu a colaboração do irmão para que atendesse solícito todas as indicações, por mais estranhas que pudessem parecer. Conforme ia ganhando confiança, o radialista testou algumas opções, primeiro era o irmão com o braço estendido como recebendo algo, depois teria de se abaixar alguns centímetros até ficar de cócoras, viria ainda uma sequência que exigia ficar com a boca semiaberta, com a mão em formato de guarda-chuva, ou ligeiramente reclinado em posição de abraço imaginário. Atrás, a estátua do Padre Cicero, imponente e cúmplice. O resultado, diria ele, foi incrível. Disse, que conseguiu que o *padim* coubesse na palma da mão do seu irmão, ou de mãos dadas com ele, segurando seu chapéu, ganhando beijoca, até mesmo abraçados fraternalmente. Ele narrava esses fatos feliz, porém inconformado, pois enquanto inventava uma nova forma de fotografia, outros, que o observavam, o imitaram e posteriormente o copiaram, fazendo do seu descobrimento uma brincadeira. E eu, enquanto ouvia, pensei em dizer que não era ele o inventor. Nada mais longe da verdade pensar que fora dele aquele primeiro feito. Queria muito dizer, mas não disse. Deixei seu orgulho imaculado enquanto mostrava as imagens do que essa técnica fazia com a Torre Eiffel ou com o Taj Mahal. “Tá vendo o que fizeram?”, disse ele desconsolado. Se algo teria eu de dizer seria que foi um grande desserviço. Pensei, mas não disse. Cada um guarda no coração os seus próprios tesouros. Deixei que aquele permanecesse intacto, no mesmo lugar onde o encontrei.



Estátua de Padre Cicero na colina do Horto. Juazeiro do Norte-CE



Detalhe urbano. Bailarina, Pátio do Colégio e Edifício Altino Arantes. São Paulo-SP

Fotografia: Igor Pereira



Rua João Bricola. Calçada no centro da cidade. São Paulo-SP

fotografia: Igor Pereira



Sem palavras

SÃO PAULO-SP

ACONTECEU EM ABRIL, EM UMA RUA TRANSITADA de uma grande cidade. Um jovem esbarra com uma mulher e fica fascinado, seu coração dispara acelerado, ambos se olham, ficam de frente um para o outro. Naquele momento, o jovem não sabe o que dizer e se afasta silencioso. Alguns metros adiante, reage, balbuciando as palavras que poderia ter dito. Ele acredita piamente que existe em algum lugar uma pessoa ideal que nos complementa e à qual estamos predestinados. Reconhecer essa pessoa na multidão faz parte do plano divino. Que se concretize o desígnio é tarefa do destino e não do azar. Mais tranquilo, com o coração apaziguado, o rapaz continua seu caminho despreocupado, pois se aquele encontro estava escrito, certamente voltaria a acontecer. Sete anos depois, o mesmo casal se encontra na mesma rua por segunda vez. Olham um para o outro e, misteriosamente, se reconhecem. Ficam absortos. Não sabem o que dizer. Assim permanecem por um minuto. Repentinamente, desviam seus olhares e se perdem no meio do tumulto da rua, cada um por seu lado, dessa vez para sempre. Recordo ter lido uma história parecida, escrita com as

palavras de Haruki Murakami, e que surge atualíssima quando vejo os fluxos da cidade cada vez que retorno a São Paulo. Me impressiona a enorme quantidade de conexões e rupturas, de vidas e histórias entrelaçadas, de chegadas e partidas, e também a espantosa quantidade de desencontros e oportunidades desperdiçadas, por falta de imaginação entre os que não se conhecem, por falta de palavras entre os que se conhecem; como vidas que se derramam tão qual vinho não bebido, somente por não saber o que dizer.

39



74 degraus

ILHA DO MEL-PR

Na escadaria do Morro das Conchas, um jovem e uma senhora sobem juntos. Quando chega ao topo, o rapaz elogia a vista do mar, a vegetação exuberante e o tempo fresco. Ensaia dizer algo bonito aos pés do farol, mas prefere o silêncio contemplativo. Minutos depois ela chega. “74 degraus!”, comenta ofegante e se derruba exausta vencida pelo esforço. Há sacrifícios que ocorrem silenciosos a todo instante à nossa volta, porque a altura de um degrau se mede pelo comprimento e força das pernas de quem sobe.



Farol das Conchas: Morro das Conchas, Ilha do Mel-PR



Seu Mundinho

EUCLIDES da CUNHA-BA

SEU MUNDINHO FICA SENTADO sobre um banco de madeira sem encosto à beira da estrada que liga Monte Santo com Euclides de Cunha. Fica sentado ao lado de uma cesta com uma pilha de maracujás, que ele mesmo deve ter colhido. Seu Mundinho é do tamanho do seu mundo, um mundo que passa lento e é breve, mas pode ser colossal como seu nome e os pensamentos que se permite ter enquanto espera alguém parar no caminho. Quando o encontrei, imaginei que aquele homem era especial. Imaginei que, ao nascer, seus pais viram nos seus olhos pequeninos a imagem de outras terras possíveis de conhecer. Aquela criança seria maior que o mundo deles. Seria, Mundinho, o redentor de infindáveis gerações de sertanejos que nunca puderam viajar para além dos caminhos conhecidos. Seria, Mundinho, um retirante destemido carregado de amor pela incerteza do grande sertão e suas veredas. Visualizei uma cena improvável, ele ainda em braços depois do nascimento. Me permiti um momento para recriar como teria sido aquela hipotética noite depois da família trabalhar a terra, com os amigos reunidos. Imaginei a luz baixa de um lampião salpicado de

insetos dançantes. Vi assistir as estrelas do céu da Bahia, esplendorosas, em representação da lua ausente. Ouvi as vozes da celebração e os vaticínios sobre o destino da criança: “Esta criança tocará as nuvens com os dedos e andará por caminhos que o sol conhece. Viajará com ele bebendo águas de cachoeira e cobrindo o corpo com o sal dos mares mais distantes”, e enchi de vírgulas as palavras da orgulhosa mãe. E carregando aquele Mundinho de possibilidades nos braços, o levou até a presença do pai que o esperava. “Se chamará Mundo”, teria dito, e lançando um olhar de expectativa o encomendou ao Divino para que seja homem reto e empenhado, e que a vida cumprida que carrega venha com saúde para que possa ser tudo aquilo que ele mesmo, como pai, já quis ser e nunca pode.

Foi assim, fantasiando, que imaginei a origem desse nome escrito a mão na faixa pendurada sobre o banco de madeira sem encosto: “Os maracujás de Mundinho”. Acaso cometi um grande erro ao recriar com exageros uma história baseada no que pensei fosse um nome, mas que nas palavras do velho vendedor, divertido pelo relato, nada tinha a ver com “mundo”, mas com Raimundo. Era, pois, Mundinho, mais um, como outros na família. Como tantos outros Raimundos da Bahia, movidos a derrubar suas fronteiras diariamente apenas em pensamento, na hora mágica do dia quando o sertanejo mais humilde se permite viver histórias impossíveis, também recriadas, carregadas de magia, de desejo, povoadas com personagens em mundos fascinantes, que ainda haverão de descobrir.



Praça Duque de Caxias. Euclides da Cunha-BA



Ponte Hercilio Luz. Florianópolis-SC



Como saber que não se gosta sem passar pela experiência

FLOPÍANÓPOLIS-SC

O vento Na beira Mar corria aos borbotões e, por conta dessa brisa forte, as palavras ditas eram arrastadas até longe. Os sigilos haviam sido quebrados e os segredos perigosamente expostos. Indiferente à ventania, um casal discutia divertidamente. Ele argumentava que nunca se relacionaria sentimentalmente com outro homem porque sabia que não iria gostar. Ela replicava que ele não tinha como saber sem passar pela experiência. A moça falava alto sem se importar com o vento inconfidente e os ouvidos aguçados de todos os que descansavam sobre a grama esse fim de tarde. “Quem sabe tu descobre que gosta?”, cutucou a moça, antes de rir demoradamente. A conversa continuou, mas o vento parou de soprar e os segredos voltaram a ficar guardados. Momento oportuno para refletir e entender que aquela discussão não era um tema de gostos. Gostar e fazer bem podem nem sempre caminhar juntos. Podemos até descobrir que gostamos de muitas coisas que não nos fariam bem. Cada um, no seu íntimo, carrega sentimentos que se antecipam à experiência.





Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis - SC



Cultivando margaridas

Tiradentes-MG

Fazia tempo que não via alguém escrever uma carta de amor. Na escadaria, perdido em pensamentos, o senhorzinho escrevia e apagava, mordia a caneta e se ausentava para buscar na memória as frases que alguma vez de jovem ouviu e gostaria de repetir. Lembrei de Fagundes Varela, que escrevera um dia: "Na tênue casca de verde arbusto gravei teu nome, depois parti; foram-se os anos, foram-se os meses, foram-se os dias, acho-me aqui. Mas ai! o arbusto se fez tão alto, teu nome erguendo, que mais não vi! E nessas letras que aos céus subiam meus belos sonhos de amor perdi". Depois, Florbela Espanca diria: "Minha alma, de sonhar-te, anda perdida. Meus olhos andam cegos de te ver! Não és sequer razão do meu viver, pois que tu és já toda a minha vida! Não vejo nada assim enlouquecida. Passo no mundo, meu amor, a ler no misterioso livro do teu ser a mesma história tantas vezes lida". Décadas depois do último verso ser escrito, parece que em Tiradentes ainda crescem margaridas. Não aquelas de flores brancas ou amarelas, mas das outras, as cúmplices bem-me-quer que nas mãos do enamorado viram poesia e colorem de amor o preto e branco da vida.



12-A

Rua Padre Toledo, Tiradentes - MG



Cabelouro pra ficar bonito

PETROLINA-PE

O **CABELOURO** é um ligamento nervoso da nuca do boi. Quando cozido fica de cor amarelada, e dizem os supersticiosos que, ao ser comido, devemos pensar em uma pessoa de fisionomia bonita, para ficarmos parecidos. O cabelouro se come atrás da porta, que é o lugar no qual as mães mandam os filhos mastigar por horas aquele pedaço duro de carne. “Come cabelouro pra ficar bonito!”, e ele come, de cócoras, escondidinho. Ilusionados e concentrados, os meninos –e as meninas também– visualizam a ansiada metamorfose: a beleza chegando mais perto a cada mordida do nervo ruim. Apesar da convicção e da força do “muito querer”, o milagre não acontece. Por que será? Será falta de fé ou talvez aquele sentimento traficado e insistente –de ingênuo enganado– que quebra a inocência da criança quando, descansando o maxilar, ela espia desconfiada e observa os pais à mesa comendo carnes melhores? Não sei. Em tempos de carência podemos entender que, enquanto uns aliviam a fome, cabe a outros o consolo de poder ao menos ficar bonitos. “Muito melhor feio com noiva que formoso e solteirão”, ouvi dizer a uma idosa, em Petrolina.

VENDE-SE
PEIXES







Pirâmide: Parque Estadual Antônio Rosa. São Thomé das Letras-MG



Contracorrente

São Thomé das Letras-MG

O pôr do sol é um momento concorrido em São Thomé das Letras. Diariamente, pessoas de distintas procedências caminham até um local conhecido como a pirâmide para celebrar o fim do dia. É uma pequena multidão de forasteiros e gente alternativa que conversa animada, canta mantas, canta Raul, bebe álcool, bebe água, fuma ervas, busca um pedaço de chão onde sentar, participa. Disso se trata, aquele é um local de encontros, de turmas, de tribos buscando uma conexão. Porque todo pôr do sol é cênico por natureza. Em *Punta Ballena*, no Uruguai, por exemplo, no museu *Casapueblo*, se recita uma poesia antes do ocaso. Uma homenagem ao astro que observou o nascimento, a ascensão e a queda de todos os impérios que já existiram. O mesmo que iluminou cada testa de todo ser humano, o granito das pirâmides do Egito e o quartzito das fachadas e ruas da pequena São Thomé das Letras. É, ele, ator imemorial, ora diminuído pela sua cotidiana presença, ora reverenciado, como nessa hora do encerramento do dia, quando movimentada a cidade. E havendo estado lá, no ponto alto da pirâmide, deitado

sobre a laje, acomodado de frente para o perfil da montanha por onde se oculta o sol, surgiu o desejo de ir embora. A decisão de voltar antes do tempo, antecipar a partida e dispensar o espetáculo, longe de ser um contrassenso, para quem viaja esperando ver e conhecer, é também uma experiência leccionadora. Acompanhar a movimentação de grandes grupos é mais cómodo do que superar o contrafluxo à procura de fendas por onde passar sem ser atropelado. Nadar contracorrente gera tantos empurrões como indulgências uma boa rebeldia.

45



Desacelerar

Ibotirama-BA

Na rodovia, entediada com a longa espera, uma mulher repete para o marido uma frase que acaba de ler: "Tudo o que buscamos também nos busca. Se ficamos quietos, um dia nos encontrará". Ele leva um susto, mas balança a cabeça e, ainda sonolento, concorda em silêncio. Seguramente não se trata de ficar paralisados vendo a vida passar, mas talvez ir mais devagar, deixar a gente se alcançar e, enquanto isso, quem sabe, aprender a conversar.



Interseção com a Terceira Avenida. Balneário Camboriú-SC



A diva

BALNEÁRIO CAMBORIÚ-SC

“Divaaaaaa!”, gritaram as três moças, desde o outro lado do balcão da padaria. “Yesss!”, respondia, com o braço em alto e o punho fechado, a dona senhorinha, ao entrar pelo batente da porta. Ainda não eram 7 horas da manhã e eu estava quase a terminar meu café. Havia chegado cedo e fiquei retido pelo sabor de uma variedade de pão de queijo, que repeti duas vezes. Voltaria novamente no dia seguinte, pois aquela padaria, na Terceira Avenida, havia me dado uma experiência singular de cumplicidade. Dona diva, a protagonista desta história, era uma senhorinha de mais de oitenta anos. Chegava todos os dias para tomar café da manhã fielmente nesse local, entrava no mesmo horário e sentava na mesma mesa. Repetia o ritual que incluía suco de laranja, café de coador com um pingo de leite e um pão de queijo caseiro. Dona diva vestia elegante, usava uma faixa com pedrinhas que prendia seus cabelos platinados. Usava maquiagem com ligeiro sombreado, os olhos e a boca levemente pintados. Levava brincos, colares e pulseiras que chacoalhavam ao caminhar. Parecia retraída e, ainda na porta, ficava imóvel como querendo ser vista e convidada para poder entrar. Era inevitável não reparar nas suas

roupas de temporada, nos seus sapatos fechados impecáveis, nos óculos de sol em uma mão e a pequena bolsa na outra. Dona senhorinha acomodava o cachecol enquanto agradecia as meninas pelo carinho com um leve movimento de cabeça e um brincação entrefechar de olhos. Era uma cena de filme clássico, uma diva de outros tempos fazendo a sua estreia na Terceira Avenida.

Quando voltei no dia seguinte, fiz questão de confirmar a rotina e pedi licença para fazer parte das saudações junto com as moças do balcão. Quando chegasse o momento o grito de “Divaaaaa!” ecoaria ensaiado, mais uma vez. E ela responderia, baixinho, mas graciosamente: “*Yess!*”

Aquela era uma história compartilhada com um protocolo a ser respeitado. Dona senhorinha, a nossa diva, daria o seu melhor, usaria as suas roupas mais queridas, suas joias de juventude, seu encanto e brilho, a experiência de uma vida. Faria de algo tão prosaico, como entrar em uma padaria, um evento especial. Ela havia conseguido um motivo para ficar bonita todas as manhãs. Havia conseguido receber aquele generoso olhar com que todos gostaríamos de alguma vez ser vistos e reconhecidos. Tenho entrado em outras padarias depois que deixei Balneário Camboriú e ocasionalmente tenho lembrado da diva. Nunca mais encontrei com ela nem com outra parecida. No batente da porta, nenhuma diva. Nenhum compromisso a ser cumprido. Nenhum gesto especial que transforme um grupo de desconhecidos em improvisados protagonistas de uma gentil história, em cúmplices com hora marcada.



Casa Grande das Almas. Triunfo-PE



Maravilhas do lado de fora

TRIUNFO-PE

OUVI, ALGUMA VEZ, que se alguém disser a um bebê, no ventre de sua mãe: "Lá fora há um mundo de luz, com altas montanhas, grandes oceanos, planícies e chapadas, vales, florestas e riachos, e um céu cheio de estrelas". O bebê, que não sabe sobre essas maravilhas, não acreditará em nada disso. Como nós, quando estamos diante do desconhecido. Por que motivo, conscientes da imensidão do universo, permanecemos fechados na escuridão?

Quando subitamente os nossos olhos se abrem podemos estar na fronteira entre Pernambuco e a Paraíba. Um lugar que fora poupado da violência do bando de Lampião, por conta da sua devoção à Nossa Senhora das Dores, padroeira de Triunfo. Não sei o que ele teria pensado se ouvisse que décadas depois dos tumultuados dias do cangaço seria projetado no antigo teatro Guarany, que devia conhecer, os *Guarda-chuvas de Cherbourg*. Se o mensageiro encontrasse ambiente propício talvez teria dito que a vida, assim como qualquer filme, não precisa de um final feliz para ser inteiramente belo. Às vezes, a realidade consegue ser mais poética e dramaticamente mais humana do que um imaginário e pouco realista "viveram felizes para sempre".



Lago João Barbosa desde a janela do Teatro Cinema Guarany, Triunfo-PE





Com palavras simples

Niterói-RJ

"AS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS" devem ser escritas com palavras simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas". Saramago tem razão, é de almas generosas escrever sem ostentação. Não necessitamos vaidade para impressionar a uma criança: talvez muita imaginação e detalhes surpreendentes. Certamente a paciência é um ingrediente necessário, não só para revisar a narrativa, evitando palavras complicadas, como para encontrar nas histórias já contadas novos motivos para revisitá-las. Porque está na repetição o verdadeiro deleite do ouvir e ver infantil. Quem consegue ler por segunda vez um livro, a despeito de outro que espera na estante, poderá possivelmente encontrar novos elementos que o façam entender melhor e desfrutar mais intensamente a narrativa, sem se importar tanto com o final, já revelado. Igual acontece com cidades quando as visitamos mais de uma vez. Perde-se um pouco a ansiedade pelos lugares por conhecer e a vaidade de dizer que lá estivemos. Surge algo melhor: uma segunda oportunidade para ser surpreendidos. Está na repetição o verdadeiro deleite de quem se permite ver o conhecido desde uma nova e inesperada perspectiva.



Escada Santos Dumont. "A Encantada". Museu Casa de Santos Dumont. Petrópolis-RJ



A anatomia dos reis

Petrópolis-RJ

O MUNDO ainda era recente quando no deserto, um olhando para o outro, um homem e um cachorro, irmãos, se enfrentam em combate mortal por ambição. O mito que a tradição oral utiliza nessa história busca transmitir a eterna luta entre o bem e o mal e coloca no palco o auxílio interpretativo de animais, assumindo na mitologia matizes de crueldade desproporcionados à sua natureza. Daí, mais parecidos aos seres humanos do que a eles mesmos. Nessa história, *Seth*, homem com cabeça de chacal, esquarteja e enterra separadamente cada uma das partes do irmão *Osíris*. Nas vastidões das terras do Egito antigo, o deus da fertilidade é sepultado fragmentado para ninguém jamais achá-lo. O desenrolar da história traz um final feliz: *Isis*, a esposa devota, logra encontrar e desenterrar cada parte do rei morto, o ressuscita e concebe dele um redentor: *Horus*, o filho falcão, encarregado de matar o tio usurpador. O curioso é que *Isis* não encontrou todas as partes do marido. Para engravidar, ela teve de usar uma prótese de ouro acondicionada em substituição do original perdido. Digo isso só para acentuar que o conceito

de vanguarda é mais antigo do que se pensa. Alguns milhares de anos depois, em Petrópolis, as tensões amorosas e disputas reais não se transformaram em mitologia, mas a ideia de vanguarda, ausente nos salões da corte imperial ou na biblioteca na qual dom Pedro II recebia as suas amantes, encontrou em outro brasileiro, em Santos Dumont, sua residência de verão. E olhando desde esse ângulo, uma simples escada pode chegar a ser mais surpreendente e quem sabe mais engenhosa do que um lustroso brasão de armas pendurado na parede.

50



Café amargo

Crato-CE

Toda cidade é uma enorme colcha de retalhos tecida fio a fio com as fibras do inesperado. Nela cabe tudo. Por debaixo dessa colcha, a vida corre infinita. Às 8h da manhã caminhava por uma rua no centro do Crato quando avistei um idoso jogado no meio de uma avenida movimentada. O homem estava de bruços, com as mãos cruzadas sobre a cabeça e o rosto no asfalto. Era esquivado perigosamente por carros e motos, que apenas

diminuíam a velocidade. Alertei algumas pessoas que estavam próximas, chamando a atenção sobre o ocorrido. Pensei que aquele senhor precisava ser acudido. Seria um ataque epiléptico ou cardíaco, um derrame, um choque anafilático, um colapso, ou um desmaio por conta do calor. O dono de um quiosque que me ouvira reclamar disse experiente: "Não meu rapaz, isso aí chama-se sono, chega depois de muita cachaça".

51



A casa do tesouro

CONGONHAS-MG

A PRINCÍPIOS DO SÉCULO XVI, um poeta italiano imaginou um herói que descobre na lua tudo que foi perdido na terra. O cavaleiro Astolfo, acompanhado pelo nobre João, observa ao seu redor lagos, rios, campos, belas cidades e castelos, montanhas e florestas, e em um profundo vale, localizado entre montes altíssimos, um grande tesouro. Essa riqueza estava composta por tudo que os seres humanos haviam alguma vez perdido: as oportunidades desaproveitadas, os votos descumpridos, as orações não atendidas, todas estavam lá. Também as

lágrimas e os suspiros dos amantes, os projetos inconclusos e os anseios não alcançados. Estavam também, misteriosamente restaurados, cada um dos palácios destruídos pelas guerras, antigas cidades inundadas, bibliotecas incendiadas, florestas arrasadas, estatuas e monumentos, e cada objeto precioso e corriqueiro que por descuido escapara das nossas mãos e acabara estilhaçado. E estavam lá, reunidas, as flores que murcharam antes de tempo, as vidas arrebatadas pelo vício e toda esperança que sobreviveu a bárbaros tormentos ao longo de infindáveis séculos de terror. Ludovico Ariosto, o poeta ao qual me refiro, me lembra Aleijadinho e sua obra. Me recorda que as ideias nunca desaparecem, se trasladam. Que os objetos duram até o dia em que se quebram e são finalmente transportados até outra realidade. Quem sabe seja por isso, que todo final é relativo, e nenhuma morte, para sempre. Por isso, talvez, alimentamos a esperança de que a vida continua e poderemos todos ressurgir, quando chegar a nossa hora, em outra região do universo. E sendo assim, ao ver os doze profetas em pedra sabão expostos ao ar livre no Santuário Bom Jesus de Matosinhos, tão vulneráveis à intempérie e ao vandalismo, gostaria de acreditar que o nosso legado estará sempre disponível e, por mais difícil que seja chegar até ele, poderá ser encontrado por qualquer um, neste mundo, enquanto ainda seja preservado e protegido, ou em outro, consolo de quem espera conhecer ou ver de novo as grandes obras destruídas pela violência e tudo aquilo que perdemos por ignorância, mas também por negligência.



Profeta Ezequiel. Santuário do Bom Jesus do Matosinhos. Congonhas do Campo-MG



Escadaria para a Igreja Nosso Senhor do Bomfim. Piranhas-AL



Memória como castigo

PIRANHAS-AL

Conta Borges que Funes nada esquecia. A sua memória era tamanha que sabia a forma das nuvens do amanhecer de qualquer dia de sua vida e podia comparar os seus contornos com as listras do papel de um livro que houvesse visto apenas uma vez, ou com as ondas da espuma que um remo provoca no rio. Por diversão, havia reconstruído na memória um dia inteiro, só que cada reconstrução requeria exatamente de um dia inteiro. Para Funes, mesmo seu rosto no espelho era distinto conforme o horário do dia, era sempre outro, e os recordava como se fossem pessoas diferentes. Para ele, lembrar de tudo não era um castigo, o sabor amargo de sua desventura estava em não ser capaz de esquecer. Funes entendia que qualquer dádiva pode se transformar em infortúnio e todo sofrimento, presente na memória, durar para sempre. O que Funes ignorava era que não saber esquecer era também privilégio de muitos desmemoriados, que esquecem o que vale a pena e preservam o mais terrível e doloroso da vida. E embora o tempo liberaria a Funes de sua condena, não quis Borges dar a ele nem local de nascimento nem de morte. Por que deveria? Talvez

porque a memória também é dos lugares, e assim como em Piranhas ou na Grota de Angico, não vale a pena esquecer seletivamente, nem a violência ocorrida, nem suas dores. Para uma cidade a condena está em perder o registro caudaloso da sua história, porque as cicatrizes de qualquer localidade, por mais profundas e cruéis que pareçam, serão sempre reflexo de sua boa saúde.

53



O centro do universo

SALVADOR-BA

QUANDO MILTON, AINDA MENINO, saiu de sua cidade e subiu no ônibus rumo a Salvador, o mundo parecia se expandir vertiginoso em todas as direções. Brotas de Macaúbas era, até então, o centro do universo e o epicentro de todas as constelações que de noite se assomavam nessa parte da Bahia. A história e a vida que construímos repousam no chão da terra onde pisamos, nas praças da nossa aldeia, entre as linhas que se cruzam no horizonte construindo as fronteiras. Cada lugar é, à sua maneira, o centro do mundo e o ponto de partida para qualquer destino. Não importa onde estejamos, todos os caminhos levam a nós.



Praia do Porto da Barra. Salvador-BA



Portada da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto-MG



Não pode! Ouro Preto-MG

A primeira regra para decorar já começou com um contundente “não pode”. Desde os tempos antigos, a humanidade aprendeu a traduzir o mundo e a interpretá-lo em razão do que não devia fazer. Os deuses eram amorosos, mas exigentes e vingativos. O bom Moisés sabia disso. Forçado a subir duas vezes ao Sinai entregou finalmente aos judeus um decálogo de pedra composto por uma série de normas de comportamento, quase todas reguladas pelo não. Era a nossa forma de educar, e creio que desde aquele tempo, não mudou muita coisa. O certo é que a transgressão venial é divertida. É tão lascivo pegar uma batatinha da frigideira ou o último petisco do prato? Talvez uma foto sem flash? Cuidado com as gargalhadas inapropriadas ou dizer tudo que pensamos. Há limites, e é por causa deles que a convivência é possível.

Gostei muito do rosto gordinho de um querubim barroco que olhava taciturno desde um altar dourado, na igreja de São Francisco de Assis. –Posso fotografar? –Não pode! A resposta fulminante me levou a pensar que pela tirania do “não” só podemos –por educação, moral e respeito– ficar remoendo em silêncio as nossas más intenções.



Casa das 14 janelas. Vassouras-RJ



São Longuinho, São Longuinho

VASSOURAS-RJ

Que Me perdoe São LONGUINHO, mas depois de tantas perdas devo admitir que perder não pode ser sério. Tantas coisas contêm em si o acidente de perdê-las que não pode haver mistério nelas. Lugares, nomes, dinheiro, nada disso pode ser sério. Pessoas não, mas também a gente perde. Lucidez, agilidade, esperança. É triste, mas tê-las implica poder perdê-las. As histórias da família e os profundos aprendizados da vida, se a gente não cuidar, um dia a gente perde. Vergonha, timidez? Não, somente perdemos os bens amados; defeitos e imperfeições a gente supera, elimina. Somos competitivos e educados no culto ao ter, ninguém educa ninguém para perder. Perder é ruim. Não se reservam prêmios aos perdedores. Na evolução o resultado foi a extinção, na economia a exclusão, no amor a indiferença.

Depois de falar por horas com um coveiro em Vassouras e conhecer os pormenores do ofício, ele fez bem em questionar se meu trabalho desenvolve o desapego. Temos por acaso tanto medo de perder o que um dia certamente perderemos? Só que perder tudo, quando também se perde a vida, talvez não seja uma perda e sim um consolo divino.



Cidades no plural

SALINAS-MG

Já PASSOU POR ALGUMA CIDADE NO PLURAL? Canudos, Lençóis, Barreiras, Vassouras, no Brasil são tantas. O nome de toda cidade deveria estar no plural em alusão a todas as versões possíveis delas mesmas. As cidades que nos vem chegar nem toda vez recebem a outros tão delicadamente ou com a mesma dureza. Nem sequer quem mora na mesma vila pode dizer com absoluta certeza que uma localidade é sempre a mesma. Nem o vendedor ambulante, nem o feirante, nem mesmo a estudante ou o empresário, de vidas e histórias entrelaçadas, sentirá o calor da mesma forma, porque a chuva molha desigual, porque a água que afoga também pode saciar a sede.

Quando Euclides da Cunha escreveu Os Sertões, pode ter descrito aquela região no plural em referência aos tantos sertões que coexistem entre a calma e a violência, a fartura e a fome. Partilhamos da mesma terra, mas nossas percepções tendem a ser distintas. Um quilômetro pode ser pequeno ou grande demais, uma hora parecer eterna ou insuficiente. Nenhum padrão ou medida contempla a todos. Em Salinas, por exemplo, que também se escreve no plural, a fama dos alambiques de cobre justifica porquê

nessa cidade a cana preferiu o amargor da aguardente ao doce licor da garapa, mas dentre suas riquezas e carências Salinas nos recorda os muitos *Brasis* no plural, alguns deles tão desejados como inacessíveis.

Trabalhando na recepção de um hotel, perto da rodoviária, uma jovem de pouco mais de vinte anos espera ser a primeira da família em conhecer o mar. Não sabe se será capaz de entrar na água, pois mesmo depois de duas décadas de acumular coragem ainda é cedo para saber quão atemorizante pode ser cumprir um velho sonho.

–Também quero ser enfermeira! complementa, como aproveitando essa corrente de desejos para fazer um apelo ao destino ou ao acaso. Tanto faz, ambos parecem estar surdos, ora distraídos, ora displicentes. Que bom é poder ouvir a voz do Brasil real de Machado de Assis, melhor em instintos, mas que languidesce ante o caricato e burlesco Brasil oficial ao qual somos repetidamente apresentados, que aturde nossos sentidos e distorce a forma como lemos e entendemos este país.

Porque o Brasil que segue a vida longe do mar é tão brasileiro como o que contempla o passo do tempo desde o alto da chapada e se desliza macio entre bacias até a caatinga. É tão real como o balanço da rede no convés de uma gaiola ou como os ventos minuanos subindo coxilhas, correndo frios pela pampa verde. Porque este é um país que é muitos ao mesmo tempo, e a custo de ser indômito e colosso também é largo e alheio, é de todos, mas de ninguém completamente.





Soberanos taumaturgos

Abadiânia-GO

Na idade Média, as pessoas atribuíam aos soberanos o prodigioso dom da cura. Os reis taumaturgos, assim chamados, eram capazes de surpreendentes manifestações sobrenaturais. O poder imperial e a fé subordinada do povo, combinadas, eram capazes da manifestação do sobrenatural e a revelação do milagre. Com somente um toque, o camponês e o soldado, progressivamente, recuperavam a saúde. Era um fenômeno de sugestão e deferência diante da regia presença de uma autoridade. Os monges tibetanos diriam, à respeito disso, que em cada ser vivo existe uma força curativa potente e insuspeitada, basta encontrar o caminho. Os milagres moram perto, em algum lugar dentro da gente. Tem sido assim, desde antes dos tempos taumaturgos, e assim será até depois das modernas Abadiânias, a terceirização dos favores celestiais que operam maravilhas pela bênção e pela cura continuará encontrando seus caminhos. Quando as orações parecem não funcionar, quem pode recriminar a busca de um intermediário capaz de confortar o espírito? Para quem anda pela vida procurando milagres, talvez valha a pena considerar que o verdadeiro milagre é a vida.



Avião, quero irmão!

Salgueiro-PE

Não é mais como era antigamente, mas ainda acontece. Se olharmos com atenção para as crianças do Brasil, poderemos descobrir interessantes pontos de encontro e felizes coincidências. Apesar das diferenças regionais, das estruturas familiares e dos profundos abismos provocados pela renda e o acesso aos serviços, tão desiguais, as crianças no seu processo de descobrimento do mundo passarão por etapas de ingenuidade, surpresa e encantamento. Tanto a criança nordestina do semiárido, o curumim da floresta amazônica, o guri dos pampas gaúchos, o piá, o quilombola, o pomerano, o guarani, qualquer que seja a sua origem, mostrará no rosto o natural reflexo do assombro diante do que é desconhecido e mágico para ele. No amanhecer das terras afastadas do Brasil, a fascinação com o inesperado ainda surpreende e emociona. As curiosas formas das nuvens, o ronco de um avião ou a visão de uma trilha deixada no céu seguirá sendo motivo de encantamento e superstição. Acontece aqui em Salgueiro e seguramente em outros lugares. Não é mais como era antigamente, mas crianças ainda olham para o céu e correm atrás de aviões. Tornaram-se

corriqueiros, mais comuns e menos mágicos. Mesmo assim, é possível escutar na medida em que percorremos alguns lugares do interior nordestino, crianças gritando forte, balançando o corpo, com os braços em alto: “Avião, quero irmão!”, “Avião, quero irmão!” Talvez poucos se lembrem, talvez ninguém ouviu, mas ainda é assim. Meninas e meninos correndo atrás da sua fonte dos desejos, brincando de crer até o limite das resistências das suas pernas. Até minguar a potência das suas vozes. Até crescer, virar adultos, e deixar de acreditar em milagres.

59



Bolo de imigrante

POMERODE-SC

NO VALE DE ITAJAÍ FICA A PEQUENA POMERODE, e aqui, afastada da rota do enxaimel e das caravanas de turistas, está ela, arrumada, sentada impaciente sobre uma poltrona de vime que colocou do lado de fora, na rua. A faixa que vai de uma ponta a outra da fachada é de boas-vindas. Umas flores, uma chaleira, alguns biscoitos e um bolo sobre uma mesinha de madeira completam a cena. Passo caminhando pela calçada ouvindo o som suave que escapa pelas janelas e percebo o clima que antecipa todo

grande encontro. Ela parece feliz, está bonita, preparou tudo para esse momento. Duas horas depois, volto a passar pelo mesmo lugar e a cena mudou pouco. A faixa no mesmo lugar, as flores, a chaleira, os biscoitos e o bolo ainda sobre a mesinha. A música continua suave, tão suave que fez ela cochilar. Não sei do desenlace, mas espero que o encontro tenha acontecido. Sei de um tal dom Pedro II que prometeu visitar Serro, em Minas, e Alcântara, no Maranhão, e não apareceu. O pior foi deixar eles esperando, pintando, limpando, desentupindo, enfeitando o bolo que sem saber terminariam comendo a sós.

60



Um, dois, três

CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO-SE

O catamarã atravessa os cânions do rio São Francisco entre Alagoas e Sergipe com a música no maior volume. O Velho Chico, chamado respeitosamente e tantas vezes aqui de *Opará*, parece não se importar. Está tão próximo da foz que depois de longa travessia adormece, desinteressado. Até as carrancas que protegem cargas e barqueiros desde os portos de Pirapora estão mais relaxadas com o ambiente descontraído e o vento favorável.

Nessa hora, aproveitando o volume da música e a paisagem, é fácil imaginar uma hipotética aula de dança sobre o rio. Vamos lá! Coluna reta, peso distribuído entre as pernas, balanço em diapasão. E vai. Perna esquerda se afasta, perna direita acompanha. Para trás. Pausa. Cotovelo à altura do ombro em ângulo reto. Olhar em quadrante e giramos para a esquerda em movimento cadenciado. Para frente, um e dois. Mais uma vez. Perna direita avança, cruza e pausa. Levante o queixo e repita tudo de novo.

–Entendeu? –Não?

Então vamos de novo, mas dessa vez vamos mudar um pouco. Muito bem. Fique serena. Esqueça do peso. Aproxime-se do seu parceiro e faça contato, primeiro com os olhos, depois com as mãos. Feche as pálpebras lentamente. Vamos deixar o coração ser o guia. Entregue-se e confie. Gire para a esquerda e abrace com afeto. Respire. Está ouvindo a música? Muito bem. Agora sim podemos ouvir a música. Esqueça a formalidade dos passos, a técnica e escute. Intente capturar os sons, acariciá-los e libertá-los pacificamente. Confie de novo. Abrace gentil e com firmeza, diga algo gostoso de ser ouvido, confie um segredo, sorria. Divirta-se e só volte a abrir os olhos quando a música parar. Talvez não fique elegante, mas vai ficar bonito. Pode ter certeza que assim, de modo despretensioso, faremos que a emoção possa voltar a fazer parte do protocolo da técnica, e a dança possa voltar a fazer parte da vida da gente.

–Aprendeu?



Rio São Francisco. Canindé de São Francisco-SE

VIAGEM PELO BRASIL

Primeira parada

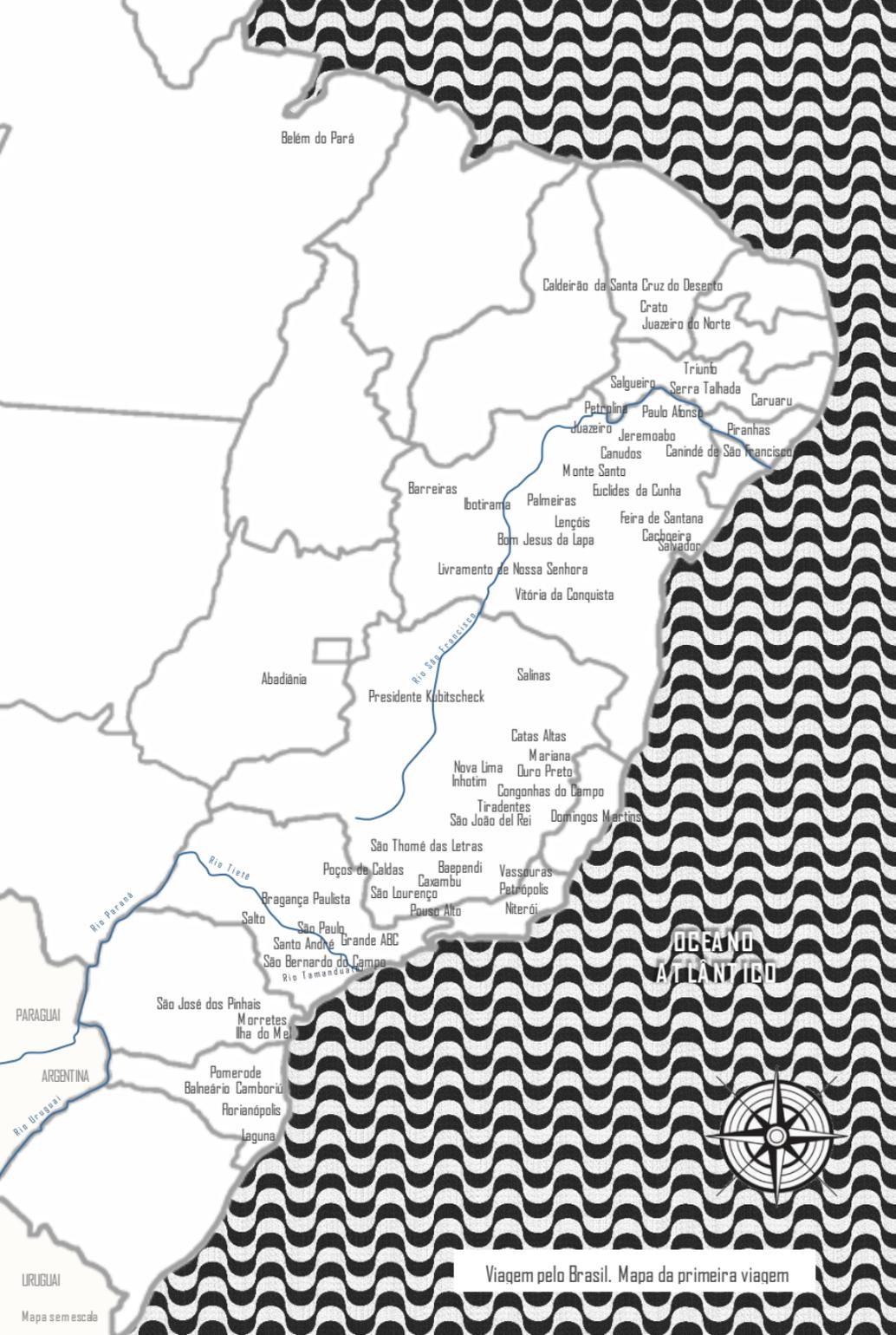
Rios que Não correm
para o Mar

SeSSenta narrativas brasileiras



Morro do Pai Inácio desde a BR242. Chapada Diamantina. Palmeiras-BA





Belém do Pará

Caldeirão da Santa Cruz do Deserto

Crato

Juazeiro do Norte

Triunfo

Serra Talhada

Caruaru

Salgueiro

Patrolina

Juazeiro

Jeremoabo

Canudos

Monte Santo

Euclides da Cunha

Feira de Santana

Cachoeira

Salvador

Piranhas

Canindé de São Francisco

Barreiras

Ibotirama

Palmeiras

Lençóis

Bom Jesus da Lapa

Livramento de Nossa Senhora

Vitória da Conquista

Abadiânia

Presidente Kubitschek

Salinas

Catas Altas

Mariana

Nova Lima

Duro Preto

Inhotim

Cangonhas do Campo

Tiradentes

São João del Rei

Domingos Martins

São Thomé das Letras

Poços de Caldas

Baependi

Vassouras

Caxambu

São Lourenço

Pouso Alto

Niterói

São Paulo

Santo André

Brande ABC

São Bernardo do Campo

Rio Tamandará

Bragança Paulista

Salto

São José dos Pinhais

Morretes

Iha do Mel

Pomerode

Balneário Camboriú

Florianópolis

Laguna

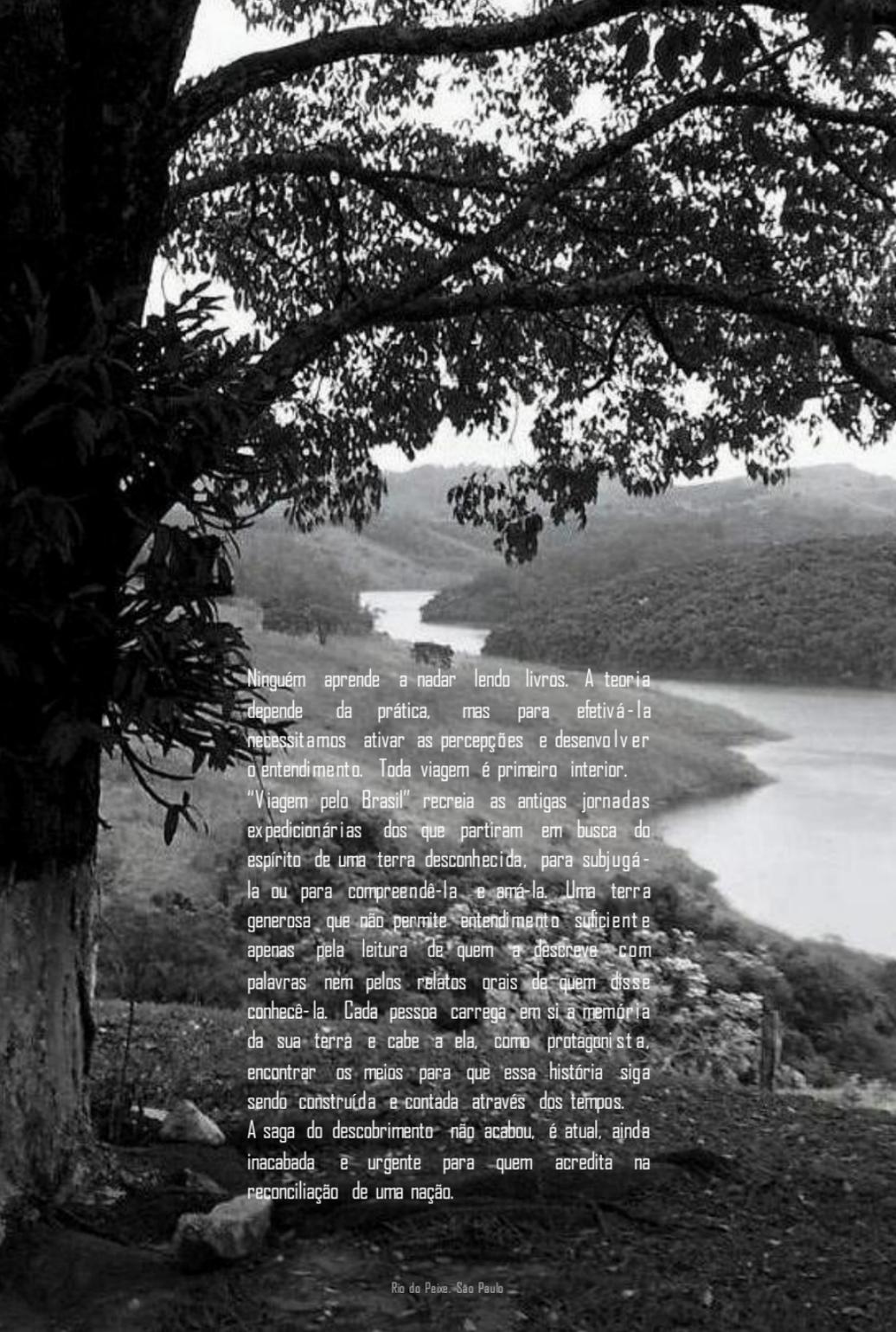
OCEANO ATLÂNTICO



Viajem pelo Brasil. Mapa da primeira viagem

URUGUAI

Mapa sem escala



Ninguém aprende a nadar lendo livros. A teoria depende da prática, mas para efetivá-la necessitamos ativar as percepções e desenvolver o entendimento. Toda viagem é primeiro interior. "Viagem pelo Brasil" recreia as antigas jornadas expedicionárias dos que partiram em busca do espírito de uma terra desconhecida, para subjugá-la ou para compreendê-la e amá-la. Uma terra generosa que não permite entendimento suficiente apenas pela leitura de quem a descreve com palavras, nem pelos relatos orais de quem disse conhecê-la. Cada pessoa carrega em si a memória da sua terra e cabe a ela, como protagonista, encontrar os meios para que essa história siga sendo construída e contada através dos tempos. A saga do descobrimento não acabou, é atual, ainda inacabada e urgente para quem acredita na reconciliação de uma nação.

VIAGEM PELO BRASIL

Primeira parada

**RIOS que Não correm
para o Mar**

SeSSenta narrativas brasileiras

OE!